



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL

A banalização da violência entre Crianças de 06 a 10 anos em uma Escola Pública do Complexo da Maré

Aluna: Maria da Conceição Rodrigues de Souza

Orientadora: Mariléia Inoue

Agosto de 2007

A banalização da violência entre Crianças
de 06 a 10 anos em uma Escola Pública do Complexo da Maré

Autora:

Maria Da Conceição Rodrigues de Souza

Orientador:

Profª Drª: Mariléia Franco Marinho Inoue.

Examinadores:

Profª Drª: Rosemere dos Santos Maia.

Profª Drª. Laodicéia de Souza Pinto

Departamento de Fundamentos do Serviço Social

Escola de Serviço Social – UFRJ

Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

Agosto de 2007



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me fazer reconhecer que sem ele não poderia chegar a lugar algum, por sempre usar de misericórdia para comigo e nunca ter me abandonado durante toda minha trajetória universitária e de vida. Muitas vezes me senti só e abandonada, porém a certeza de que alguém todo poderoso me acolhia nessa caminhada foi fundamental.

Agradeço a minha mãe Rita por nunca ter desistido de mim. Ela Mesma, sem entender, acreditava que um eu realizaria meu sonho de fazer uma faculdade. Quantas faxinas fez para comprar um simples caderno para mim, e eu nem dava valor. Agradeço também ao meu pai que apesar de muitas tribulações nos criou com muita dificuldade. A vocês, irmãos queridos, quantas dificuldades. Agradeço a Deus por vocês serem meus irmãos. Ao Enalio, meu irmão primogênito, companheiro de brincadeiras na infância e colega de turma lembra? Sandra, obrigada por entender a minha pouca contribuição nos afazeres domésticos, afinal, nós dividimos a liderança da casa. A minha irmã Nanci por me incentivar e me apoiar. A Tonha, ao Ronaldo. Ao Cris pela ajuda com o computador e a Beth, minha irmã caçula, por ter gerado o Gabriel meu consolo nas horas de estresse. Aos meus sobrinhos, por ter sido obrigado a ouvir as minhas queixas pacientemente. As assistentes Sociais, Cleonice pela ajuda e incentivo, a minha supervisora Dirlene, por ter sido tão profissional e humana. À equipe do Programa de Criança Petrobras, em especial a equipe social, por acreditarem em mim. A Eliana, minha professora de redação que sempre me incentivou não me deixando desistir e a Eblin, pelo investimento no crescimento intelectual de toda as bolsistas do PCPM. Os bolsistas, muitos deles hoje profissionais. Roberta, Claudia Santos, Eliane, Liliane, Suane, Ligia, Rachel, Audrey, Cintia, Shirlei, Fábio, Léo I, Léo II, Érika, Alexandra, Aline, Ruth, Isabel, Ana Paula e Fabiana. As agentes de limpeza Valdete e Bernadete. Além da agente de apoio Mariana. A Ângela, minha grande amiga e incentivadora, companheira de chão de fábrica que acompanhou minha trajetória desde o pré-vestibular e acreditou que este sonho era possível. Agradeço a Minha orientadora e professora dos primeiros períodos da faculdade, pelo incentivo e grande ajuda na elaboração desse trabalho.

A todos os professores que contribuíram para minha formação. Aos meus colegas de graduação em especial a Cleonice minha fiel companheira, que sempre me ajudou e me ouviu nos momentos de crise. Em fim, agradeço a mim pela perseverança e vontade de começar um novo capítulo em minha vida após os quarenta anos de idade. Até a próxima etapa.

RESUMO

Resumo do Projeto Final apresentado ao departamento do Serviço social da Escola de Serviço Social da universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Assistente Social.

O trabalho ora apresentado procurou, através da análise de várias categorias, entender, os motivos que levam alunos das faixas etárias de seis a dez anos, de uma escola publica do bairro Maré a apresentarem um processo de banalização da violência. Os motivos históricos preponderantes que contribuíram para que se desenvolvesse tal processo. Observamos que o modo violento como o povo brasileiro foi colonizado, a índole pacífica que lhe foi atribuída.

Analizamos que o tratamento indiferente dispensado a educação básica, contribuiu para que a banalização da violência ganhasse espaço dentro da sociedade. Além das diferentes conjunturas autoritárias e excludentes que perpassaram a história do Brasil, Isto contribui de certa forma para que na década de oitenta houvesse o aumento da violência na escola. Observamos também que a indiferença dos sucessivos governo aliado a uma ideologia de exclusão contribuíram para o surgimento de um novo sujeito.

O aluno que desde muito cedo a costumou-se com a violência que passa a ser vista como algo normal, inerente ao seu cotidiano.

SUMARIO

SIGLÁRIO	8
INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I - As Crianças e Adolescentes sob a Dimensão da Violência	
1.1- A Família Trabalhadora e a Violência Cotidiana	14
1.2 - Pequeno Histórico da Família	20
1.2.2-A Família trabalhadora contemporânea e a violência	21
CAPITULOII- A Infância e a História da Violência contra a Criança e Adolescência	
2.1- A Infância	24
2.2- A História Violência contra a Criança e Adolescência	26
2.2.1-A Violência Familiar	28
2.2.2- A Manifestação da Violência na Escola	28
2.3 - O Que diz a Literatura Nacional sobre a Violência	30
2.4- A Violência da Indiferença Governamental com a Educação das Famílias trabalhadoras	34
CAPITULO III-A Pesquisa No CIEP Samora Machel	
3.1- Conhecendo o Bairro Maré	40
3.2- O Centro de Estudo e Ações Solidárias da Maré	42
3.3- Análises dos Depoimentos dos Responsáveis	47
3.4-Depoimentos dos Responsáveis	50
3.4.1- A Banalização da Violência	50
3.4.2-As Marcas da Depredação no CIEP	51
3.4.3- A Naturalização da Miséria, da Morte e a Negação da Cidadania	52
3.4.4- Observando o cotidiano dos alunos	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICAS	60
ANEXOS	64

SIGLÁRIO

CEASM - Centro de Estudo e Ações Solidaria da Maré

CIEP- Centro Integral de Educação Publica

CF- Constituição Federal

ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente

IDH- Índice de desenvolvimento Humano

PCPM- Programa de Criança Petrobras na Maré

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PNHD- Plano Nacional de Desenvolvimento Humano

RA - Região Administrativa

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, e a Cultura

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado teve como objetivo geral analisar a incorporação da violência urbana na vida das crianças do Centro Integrado de Educação Pública Presidente Samora Machel. Tal pesquisa nos permitiu visualizar o perfil das crianças na faixa etária proposta, com a realidade que envolve o cotidiano sócio-econômica da família residente no local que tem filhos como alunos da escola em questão. Acreditamos que foi possível elencar elementos característicos da violência urbana no cotidiano das crianças e adolescentes na região da Maré.

Este projeto pretende discorrer a respeito da possível banalização da violência urbana, pelos alunos do bairro da Maré (Complexo de favelas situado na zona da Leopoldina, do Rio de Janeiro, com aproximadamente 132 mil habitantes)¹.

O Universo da pesquisa abrange alunos do CIEP Presidente Samora Machel, no qual estou inserida como estagiária, de Serviço Social, através do Programa de Criança Petrobrás na Maré (PCPM). Um dos 16 projetos do Centro de Estudo e Ações Solidárias da Maré - CEASM, Organização Não Governamental cuja característica é ter sido formado por um grupo de moradores que cresceram e/ou moraram em algumas das comunidades que integram o Bairro. Uma característica particular dos seus fundadores é o fato de, em sua totalidade, terem concluído um curso universitário e possuírem uma longa história com envolvimento coletivo locais. O Programa de Criança em parceria com a Petrobrás e com a Prefeitura do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Educação, no âmbito da 4ª Coordenadoria Regional de Educação - 4ª CRE - (Tem como área de abrangência os bairros de Brás de Pina, Bonsucesso, Penha, Olaria, Vila da Penha, Ilha do Governador, Ramos, Manguinhos, Cordovil, Jardim América, Parada de Lucas e Maré) Desenvolve em oito das dezesseis escolas públicas municipais, existentes no bairro, atividades ligadas a área de educação e cultura através de oficinas e projetos especiais com o objetivo de contribuir para a permanência dos participantes na escola além de diminuir os auto índices de evasão escolar, desenvolver a auto-estima e ampliar as perspectivas e possibilidades para uma vida adulta. Além de estagiária de Serviço Social, sou moradora da Maré, razão porque tenho a vivência cotidiana da violência,

¹ Senso Maré, 2000.

que faz parte do dia a dia do morador e não poupa as crianças da faixa etária de 6 a 10 anos, alunos do CIEP.

Questiona-se a naturalização da violência sofrida pelos moradores da comunidade, expostos as atrocidades da violência do Estado, cometidas pela polícia e pelo tráfico, que aparentemente já não chocam mais os moradores.

No interior do CIEP a violência se expressa com muita intensidade e atravessa portões e muros das unidades escolares inseridas neste contexto. Seus espaços físicos são invadidos, pois, pátios e quadras, se transformam em depósitos de cadáveres ou de cargas de droga o que obriga tanto docentes quanto o discentes a conviver cotidianamente com essa situação. Como estagiária percebemos que alunos entre seis (06) e dez anos (10) (faixa etária atendida pelo Programa dentro da escola) se expõe freqüentemente a diversas formas de violência. É comum ouvi-los falar, com muita veemência que tem um irmão, pai ou parente no tráfico, com aparente orgulho, ou forma de desafio, que se algo lhes acontecer vai chamar o parente. Além disso, fica evidente a posição de cada um em relação à facção, e como se torcessem por um time de futebol.

E mais ainda, é normal dizerem que não tem mãe ou pai, pois, morreram por que eram bandidos ou bandidas e ainda enfatizam o fato que de certa forma lhes confere um determinado status perante os demais. Além do mais, são muito agressivos entre si é também com os professores. A violência é parte de suas vidas, e parece ser algo necessário inclusive nas suas atitudes, certa necessidade para sobreviverem neste ambiente, a despeito do pleno desenvolvimento de suas potencialidades educativas apregoados no ECA.² -A criança e o adolescente têm direito a liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

O CIEP Presidente Samora Machel está situado numa área dividida geograficamente, fica nos limites de quatro favelas, Parque Maré, Nova Holanda, conjunto Nova Maré e Baixa do Sapateiro. Além de ser dividida pelo tráfico de

² no art.15

drogas com suas diferentes facções. O cotidiano desses alunos é permeado pela violência urbana.

1) Tudo o que age usando força para ir contra a natureza de alguém (é desnaturar);
2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar) ;
4) todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como direito. Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror³.

Na Maré há muitas pessoas vivendo sem a proteção da lei, em atividades irregulares, sob o arbítrio, pessoas desempregadas, em sua maioria sem qualificação o que impossibilita uma eventual inserção em algum campo de trabalho. Este aspecto deve-se ao fato “que o desemprego estrutural e o subemprego é uma das mais drásticas formas da questão social e que houve uma ampliação a partir dos anos 90, em um contexto de menor crescimento econômico e maior competitividade no âmbito do mercado internacional”⁴ Portanto, na maré vemos pessoas que hoje vivem exclusivamente de benefícios sociais.(bolsa família, cheque-cidadão, etc.). A ociosidade contribui em parte para que alguns desses indivíduos se lancem no mundo (das drogas) do vício tornando-se presa fácil para serem cooptados para o mundo do crime.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNDU) Inclui o Rio de Janeiro entre as cidades com nível de desenvolvimento humano superior a 0,8⁵. Comparado-a com outras 12 cidades com mais de um milhão de habitantes, ela acaba ocupando a quarta posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁶. Em relação as suas três dimensões, saúde educação e economia há variações para mais e para menos .Em síntese o Rio de Janeiro mostrou um desempenho no ano

³ CHAUI,1999:3

⁴ In: Ser Social nº 6, Brasília, UNB, jan./jun2003

⁵ O Site da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro

⁶ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) criado pelos economistas Mabbub ul Hag e Amartya Sen é calculado de variáveis que englobam três dimensões: Saúde, educação economia .O IDH varia de 0 a 1 sendo que valores mais altos indicam níveis superiores de desenvolvimento(PNDU 1998)

2000 abaixo da média das 12 cidades analisadas no que tange a educação e a longevidade e, acima da média em relação a renda. As 4 Regiões Administrativas (RAs) consideradas favelas segundo a classificação do IBGE, Rocinha, Maré, Jacarezinho e Complexo do Alemão, experimentaram elevadas taxas de crescimento(8% em média).Embora essas regiões tenham atingido alguns pontos no IDH, há contra senso ou contraponto em relação as demais RAs que não se encontram em áreas consideradas favelas. O Site mostra que as regiões que apresentam os 8 primeiros lugares com altos índices de IDH no ano 2000, eram ocupados pelos bairros de Ipanema, Gávea, Jardim Guanabara, Flamengo, Lagoa, Humaitá, Joá e Barra da Tijuca. E no outro extremo fica os últimos 5 lugares ocupados pelo Complexo da Maré, Manguinhos, Acari-Parque Columbia Costa Barros e Complexo do Alemão.

É importante para o Serviço Social trabalhar a temática sobre a banalização da violência urbana pelos alunos do CIEP Samora Machel, no bairro Maré. Por ser a banalização da violência urbana uma expressão moderna da questão social. E sendo o Serviço Social uma profissão comprometida com as classes popular e com um projeto ético político comprometido com a transformação social, inserido na divisão sócio técnica do trabalho, uma profissão que vive constantemente se renovando, que está em sintonia com os tempos atuais que procura “alargar os horizontes, olhar para mais longe, para o movimento das classes sociais e do Estado em suas relações com a sociedade”.(IAMAMOTO,2005, p.20)

Por isso a necessidade do Serviço Social trabalhar a banalização da violência urbana por ser esta uma das refrações da questão social, fruto da desigualdade social no mundo contemporâneo, sobre a hegemonia do capital financeiro e da ideologia neoliberal.

A hipótese que orientou nossas inquietações era que existia uma banalização da violência urbana incorporada pelas crianças na faixa etária proposta.

No capítulo I trabalharemos a criança e o adolescente sob a dimensão da violência, a trajetória da família trabalhadora, e a desmistificação da índole pacífica atribuída pela literatura oficial.

No capítulo II trabalharemos, a Infância e a História da Violência contra a Criança e Adolescência, a construção do conceito de infância, a violência cometida contra criança. E os demais tipos de violência sofrida pelas crianças o crescimento e a banalização da violência escolar tendo como ator principal a criança.

No capítulo III trabalharemos o universo da pesquisa. A origem do CIEP, o contexto onde a instituição está inserida, bairro Maré. A ONG, sua participação na construção da identidade dos moradores e o projeto no qual ela está inserida. Os depoimentos dos pais a respeito da banalização da violência perpetrada pelos alunos na faixa etária de seis (06) a dez (10) anos e a observação feita desses mesmos alunos.

Capítulo I - As Crianças e Adolescentes sob a Dimensão da Violência

1.1. A Família Trabalhadora e a Violência Cotidiana

O povo brasileiro historicamente foi tido como pacífico, embora tenha registro do uso do recurso da violência em diversos momentos de resistência. A mesma tem sido negada ideologicamente. Atribui ao povo brasileiro uma índole pacífica a qual foi supostamente herdada dos portugueses (OLIVER, 1983). Essa postura não é a que vemos relatados nos livros de história. Acontecimentos violentos permeiam a nossa história como a violenta repressão a movimentos populares como o que aconteceu no Quilombo dos Palmares, a Cabanagens, a Revolta da Chibata entre outros. Necessidades inerentes ao desenvolvimento das forças produtivas no continente europeu contribuíram para o surgimento do sistema escravista no Brasil. Nas colônias da América era implantado diferentes formas de trabalho compulsórios entre eles estavam a escravidão aberta ou disfarçada. Na transição do feudalismo para o capitalismo que se deu a acumulação produtiva do capital tal processo contribuiu para que houvesse profundas mudanças na força de trabalho e na produção. Com isso muitos camponeses foram expulsos de suas terras e ao mesmo tempo muitos artesões perdiam seus meios de produção. Dessa forma apareceu a “força de trabalho livre”. Para que a acumulação primitiva do capital se desenvolvesse foi necessário se utilizar de vários mecanismo entre eles o roubos, a pilhagens, saques e Guerras.

As descobertas, do ouro e da prata na América, o extermínio, a escravidão das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das mina, o início da conquista e da pilhagem das Índias orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcaram os albores da era da produção capitalista. Esses fatores são fatores idílico da acumulação primitiva (Marx, 1987:868, Revista PUCVIVA nº8)

Dessa forma é possível compreender como o trabalho escravo no Brasil foi introduzido. Como o Brasil colonial se organizou sobre a base do trabalho escravo, tendo as classes fundamentais os senhores de escravos e os escravos. Tendo a legislação, e a ideologia religiosa voltadas para a repressão e sujeição dos escravos conforme aponta Ianni.

Para explicar o caráter repressivo e violento das relações escravistas de produção é necessário compreender que o escravismo é um sistema de produção de mais-valia absoluta, sistema esse no qual a mercadoria

aparece imediata e explicitamente como produto da força de trabalho alienada. Aliás, o escravo é duplamente alienado, como pessoa, enquanto propriedade do senhor, e em sua força de trabalho, faculdade sobre a qual não pode ter comando. O escravo é obrigado a produzir muito além do que recebe para viver e reproduzir-se; e não dispõe de condições para negociar, nem o uso da sua força de trabalho nem a si mesmo. Esse é o fundamento do caráter repressivo e violento do escravismo (Ianni, 1988 : 56-57, Revista PUCVIVA nº8).

Esses relatos revelam o quanto os escravos eram maltratados como, a violência contra os trabalhadores escravos estavam inseridos na lógica interna do sistema econômico escravista. Os escravos eram submetidos a diferentes métodos de torturas, entre eles: o tronco, pelourinho, os açoites diários, os anéis de ferros que esmagavam os dedos, entre muitas outras torturas. Isso e muito mais, contribuíram para que os escravos começassem a fugir e se organizar em grupos, resistido as investidas dos portugueses.

Os quilombos foram, também, um pólo de resistência à estrutura escravista, atraindo várias camadas e setores oprimidos para sua órbita, como pequenos proprietários, contrabandistas, garimpeiros, mascates, agricultores.

A quilombagem, embora sendo a principal, não foi a única forma de resistência dos escravos à ordem dominante. Outras, como o assassinio de senhores, de feitores, de capitães-do-mato, o suicídio, as fugas individuais, o banditismo, a ocupação de engenhos, as guerrilhas e as insurreições urbanas ocorreram enquanto durou a estrutura escravista. Além da integração dos escravos em várias revoltas contra a ordem colonial e imperial (Costa, Federico, Revista PUCVIVA nº8).

O povo brasileiro não aceitava pacificamente o que lhes eram imposto. Exemplos como a participação do povo em algumas rebeliões.

algumas rebeliões da Regência tiveram caráter nitidamente popular. Nas capitais revoltaram-se com frequência as tropas de linha, cujos componentes eram na totalidade proveniente das camadas mais pobre da população. Era comum a expressão - tropa do povo - para indicar os revoltosos. Mais foi nas áreas rurais que aconteceram as revoltas populares mais importantes. Entre elas as revoltas dos cabanos em 1832, outra revolta popular aconteceu em 1838 no Maranhão, perto da fronteira do Piauí. Ficou conhecida como Balaiada porque seus líderes eram fabricantes de balaios (Carvalho, 2000, p.68)

Nas primeiras décadas do século XX, “o modo de produção capitalista começava a consolidar-se no país onde já existia uma grande reserva de trabalhadores livres personificados, especialmente numa massa de ex-escravos excluídos do mercado de trabalho, do acesso aos bens de produção que lhes

possibilitassem condições adequadas de vida”. (NETO, 2001,p.52). Essa população desempregada e subempregada constitui-se “um exercito industrial de reserva disponível que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se fosse criado e mantido por ele. Proporciona o material humano a serviço das necessidades variáveis de expansão do grande capital e sempre pronto a se explorado” (MARX, 1983). Num momento que a questão social passa a ser considerado um caso de polícia. O uso da violência sempre foi usado para disciplinar o trabalhador e obter o máximo de produção (OLIVEN, 1983, p.14). A classe popular tem sido tradicionalmente submetida à violência e a tortura.

Em verdade, a violência e a tortura com que a polícia tem tradicionalmente submetido às classes populares, longe de se constituírem numa “distorção” devido ao “despreparo” do aparelho de repressão, tem uma função eminentemente política, no sentido de contribuir para preservar a hegemonia da classe dominante e assegurar a participação ilusória das classes médias nos ganhos da organização política baseada na repressão. O exercício continuado dessa repressão ilegítima consolida as imagens de segurança de status social das classes médias diante da permanente ‘ameaça’ que constitui para elas qualquer ampliação das pautas de participação popular (PINHEIRO, 1979,p.5).

Para Oliver, apesar de não se ter estatísticas que comprovem o aumento da violência no Brasil, dados assistemático sugerem que ela cresceu a partir de 1964 por via institucional com o objetivo de efetuar uma modernização conservadora. Oliver nos mostra que

Para isso foi necessário extinguir a estabilidade no emprego, promover o arrocho salarial e baixar uma legislação de exceção. Estas medidas só seriam possíveis dismantelando as antigas lideranças sindicais populistas e criando a ideologia do binômio ‘segurança e desenvolvimento’,ou seja, repressão e acumulação do capital(Oliver, 1983p.16)

Tanto no campo como na cidade o que de certa forma mostra que o aumento da violência se dá mais pelas condições que lhe dão origem do que pelo contexto no qual se manifesta, portanto não se pode, delegar o fenômeno da violência ao urbano e sim a cidade, retirando dessa forma a responsabilidade dos governantes, dando-lhe uma amplitude universal, ”Nesta perspectiva ideológica, o problema não seria brasileiro, mas universal. As causas do fenômeno nesta visão não seria sociais mas

essencialmente ecológico, já que *se impulta* ao meio ambiente chamado cidade a capacidade de *per se* de gerar violência”(LIVEN,apud REIS p.15).

Na ideologia burguesa a família é vista como:

A família não é entendida como uma relação social que assume, diferentes formas, funções e sentidos diferentes tanto em decorrência das condições históricas quanto em decorrência da situação de cada classe social na sociedade. Pelo contrario, a família é representada como sendo sempre a mesma(no tempo e para todas as classes) e portanto como uma realidade natural(biológica), sagrada (desejada e abençoada por Deus),eterna(sempe existiu e sempre existirá) ,moral(a vida boa, pura,normal,respeitada) e pedagógica(nela se aprende a verdadeira convivência entre os homens, com amor dos pais pelos filhos,com temor e respeito dos filhos pelos pais,com o amor fraterno).Estamos,pois, diante da idéia de família e não diante da realidade histórico social da família. (CHAUI,1997p.88)

Na sociedade contemporânea onde a flexibilização do mercado de trabalho traz no seu bojo a desregulamentação dos direitos trabalhistas conquistados em meio a muitas lutas.

“a modernização da produção vem contraditoriamente recriando antigas formas de trabalho como, por exemplo, trabalhos realizados em casa, trabalho a domicilio sem nenhum reconhecimento de direitos sociais e trabalhistas [...]Notamos com isso que na sociedade brasileira esse quadro assume conotações particulares e mais graves, visto que ao desemprego, resultante das novas tecnologias, soma se o persistente desemprego estrutural, as relações de trabalho presidida pela violência, a luta pela terra, o trabalho noturno,as relações de trabalho clandestina, o trabalho escravo, que passam a adquirir uma certa “mascara de modernidade” neste país. Em outros termos, uma das conseqüências desta “modernidade” tem sido reforçar traços históricos persistentes da nossa formação social. (IAMAMOTO.2005, p.32-35).

Com isso perpetuam-se estereótipos que foi historicamente construído a associação ideológica entre pobreza e criminalidade é reforçada à medida que suas vitimas deixa ser somente moradores das “áreas perigosas” e passam a afrontar os corpos e a segurança da rotina da classe média” (MISSE,1997)

É um grupo social que influencia e é influenciada por outras instituições, a família é das instituições que mais contribui para a manutenção das sociedades conservadoras é, no interior do grupo familiar que inicia o processo de formação dos indivíduos. Ela é considerada a base da sociedade. A partir do século XV começa operar mudanças na família. A mulher gradativamente perde direitos e é considerada incapaz pela lei

Dessa forma, a legislação reforça o poder do marido e dos homens em geral, estabelecendo a desigualdade entre homem e mulher. Expressão disso é o fato de a escolaridade passar a fazer parte da vida dos meninos desde o século XV, mas vai ser extensiva às meninas somente no final do século XVII e início do século XIX(GUEREIROS,2004 :106).

No século XVI o modelo patriarcal começa a ser questionado, diversos fatores contribui para isso, entre eles o processo de modernização e o movimento feminino. O casamento deixa de ser encomendado e passa a ser uma escolha do casal. Ainda são muito forte os traços do modelo da família patriarcal no Brasil. A mudança começa com a Constituição Federal de 1988 que equipara os direitos das mulheres aos dos homens a mulher e o homem são assumidos com igualdade no que diz respeito aos direitos e deveres na sociedade conjugal. Na Sociedade Contemporânea há vários modelos de famílias coexistidos, as mudanças na estrutura econômica possibilitaram a transformação da família. Um dos fatos que contribuíram foi à necessidade da entrada da mulher no mercado de trabalho.

A diferenciação nos processos de “modernização” da família alerta para o fato de que ela não pode ser reduzida aos efeitos de fenômenos econômicos (urbanização, entrada da mulher no mercado de trabalho e outros) ou demográfico (como a queda das taxas de fecundidade).As estruturas familiares continuam a ser determinadas também _por fatores culturais, ideológicos e políticos, que vão da afirmação do feminismo no ocidente à reafirmação do integralismo fundamentalista no mundo árabe.(MARIA,Inaia, ALMEIDA,Paulo.)

Além da família nuclear convencional, há diferentes arranjos presentes na sociedade, entre eles estão às famílias monos parentais (com apenas um dos chefes) as consangüíneas (irmãos, primos, avós).Um dos mais recentes modelos da família é a formada por homossexual (dois homens ou duas mulheres).O modelo que vem de destacando nos últimos anos principalmente nas comunidades populares é o modelo mono parental .Um grande numero de mulheres que são chefe de família transferindo para si o compromisso de educar, alimentar e cuidar de todos os filhos.

A família é uma instituição que tem estado muito em evidência, por ser um espaço privilegiado para arregimentação de seus componentes e por também ter chamado a atenção dos cientistas, pois, concomitantemente, sob alguns aspectos se mantém inalterada, apresenta uma gama de mudanças. As referências a “crise familiar”, conflitos de gerações, “morte da família” tem sido algo bem comum de se ouvir. Para muitos a família é a base da sociedade, algo sagrado, criado por Deus, e portanto ela passa a ser a garantia de uma vida social intocada, isso tem gerado muitas polemicas pois, para alguns a instituição familiar deve ser combatida, pois, a mesma tem sido um empecilho ao desenvolvimento social. Entretanto o que não se pode negar é a importância que a família exerce nas relações sociais e emocionais de seus membros. “É na família que, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. É ela a formadora da nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro ‘nós’ a que aprendemos a nos referir” (REIS.,2001 p.99).

A ideologia vincula a família como algo natural e imutável. No viés funcionalista a família é muito importante, para ele sociedade é um sistema que proporciona uma relação harmoniosa e auto-reguladora, portanto a família teria a função de desenvolver a socialização básica numa sociedade que tem como essência um conjunto de valores e de papéis, ainda segundo ele a família é universalmente imutável e a família nuclear burguesa torna-se sinônimo de família. (PARSON, apud REIS, 2001). A estrutura familiar põe em questão as relações entre família e sociedade “L. Morgan Estudou as relações de diversas tribos americanas” (Morgan apud Reis 2001: p.100). A partir elaborações de Morgan é que Engels fará a crítica materialista e dialética referente a origem e as funções da família monogâmica.

O estágio de desenvolvimento das forças produtivas e do processo de divisão social do trabalho determinam então a estrutura familiar. Segundo Engels, a família monogâmica surgiu e foi determinada pelo aparecimento da propriedade privada. Da forma de família grupal, na sociedade primitiva, a organização familiar teria evoluído para a família monogâmica, passando por diversos estágios intermediários, cada um deles caracterizando sucessivamente por um grau cada vez maior de restrição às possibilidades de intercurso sexual(ibidem, 2001,p.101)

Foram feitas várias considerações sobre a família entre elas está a que diz: que além da sua função relacionada a produção a família também tem exercido a função ideológica ou seja ela também responde pela sua própria reprodução social. Poster expõe quatro modelos de família, a família aristocrática e a família camponesa(século XVI e XVII).

1.2. Pequeno Histórico da Família.

A família aristocrática tinha sua riqueza assentada nos favores do monarca e no controle da terra. Em termos de habitação não existia nenhuma forma de privacidade. Existia certa precariedade nas condições sanitárias o que favorecia em grande o alto nível de mortalidade infantil, tanto quanto o alto nível de natalidade. Os bebês eram alimentados por amas de leite. Uma característica comum a tanto família camponesa quanto a aristocrática era o alto índice de natalidade associado a um mesmo número de mortalidade.

A família proletária passou por três fases que vão da sua concepção até a constituição do modelo burguês. Sua gênese deu-se no início da industrialização (início do século (XIX). Todos os membros da família trabalhavam inclusive as crianças, viviam-se sob condições de extrema penúria social e econômica trabalhavam em jornadas de quatorze a dezessete horas diárias. “Nessa fase, a vida da família proletária foi caracterizada por formas comunitárias de dependência e apoio mútuo. Os filhos eram criados de maneira informal, sem que fossem objetos de especial atenção e fiscalização por parte dos pais, que não tinham tempo para se dedicar aos filhos”.(Poster in Reis, 2001, p.108) .

A família burguesa rompe com antigos padrões e estabelecem novos padrões de relacionamento familiar o que corresponde com as necessidades da classe dominante. Uma de suas características é o fechamento da família em si mesma marcando uma clara separação entre ao espaço da casa e o espaço do trabalho, ou seja, a separação da vida pública da privada “para o burguês o trabalho era o espaço no qual regida pela frieza e pelo calculismo, qualidade imprescindível para se vencer no mundo dos negócios”(p,10). A educação dos

filhos era meta fundamental se constituía no objetivo principal do casamento burguês. A educação dos filhos ficavam a critério dos pais que estabeleciam o que era o ideal para os filhos. Houve uma progressiva melhora nos hábitos de higiene, em todas as instâncias da vida burguesa houve um grande progresso.

Foram criados pela família nuclear burguesa novos padrões de sexualidade. No seio da família burguesa que houve o interdito da mulher à sexualidade da mulher fora do casamento.

No casamento a atividade sexual feminina deveria restringir-se à necessidade de procriação. As mulheres burguesas passaram a ser consideradas seres angelicais, acima das necessidades animais do sexo. Dessa forma o casamento burguês passou a caracterizar-se por uma dissociação entre sexualidade. A família era o recanto do afeto mas não do prazer sexual. Este passou a ser o buscado fora do lar pelos homens, em geral através da conquista de mulheres de classe inferiores". (Reis, idem, p. 111)

1.2.2- A família trabalhadora Contemporânea e a violência

A família trabalhadora no Brasil contemporâneo tem sido vítima constante de todos os tipos de violências. O tema da violência ganha destaques na mídia além de perpassar o cotidiano da sociedade, passou também ser objeto de pesquisas acadêmicas e fazer parte da agenda dos discursos de muitos políticos. As Manifestações da violência vem ao longo da história passado por diferentes mudanças. Por esse prisma é de grande interesse observar alguns fatores essenciais dessas transformações. Nos últimos cinquenta anos uma gama de fatos e questões ocorridos na história da política brasileira foram fatores condicionantes para a vida do povo e das instituições nacionais.

Percebe-se quanto que questão da violência em suas raízes sociais no Brasil contemporâneo, que, à medida que o país retornou à democracia, os índices de violência cresceram de forma intensa.

Relatos de Peralva mostra que nos anos 80, num momento em que a abertura política se consolidava o aumento de homicídios atingiu taxas nunca antes alcançadas.

Segundo dados levantados pela autora, entre 1979 e 1980, o número de crimes de sangue, em todo o território nacional, cresceu em 25%, e entre 1980 e 1997, a taxa de homicídios por cada 100 mil habitantes cresceu,

aproximadamente, 120,3%”.Este fenômeno deve-se ,conforme a análise da autora a quatro fatores básicos: a continuidade autoritária,a desorganização da instituições, responsáveis pela ordem pública, a pobreza e o impacto das mudanças sócias. (PERALVA,apud,MENDES,2003,p.95)

Onde se observou com maior intensidade a continuidade do autoritarismo após a abertura política foi nas instituições públicas, sobretudo nas instituições responsáveis pela ordem pública. A manutenção do modelo policial anterior a redemocratização ratifica a tendência a continuidade do autoritarismo “apesar das reformas político-administrativa de cunho democrático nos estados membros, inclusive com eleições diretas para governadores ,em 1982, o governo federal mantinha as Polícias Militares sob a tutela do Exército”.(MENDES,2003,p.97) .

A Constituição Federal de 1988 ⁷. Restabelece a tutela da polícia militar aos governos dos Estado,embora se observe no texto constitucional, resquício de autoritarismo.”quando se coloca as policiais estaduais como forças auxiliares e reserva do exército(idem,2003,p.97).Com a redemocratização do país o conceito de cidadania começou a ganhar destaque na sociedade brasileira.Issso contribuiu para que a sociedade brasileira desse início ao processo de revalorização dos direitos individuais.

Foi a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso que a política de direitos Humanos começou a se efetivar. A política de direitos humanos foi formulada através de um plano nacional. Sua administração ficou a cargo da Secretaria Nacional de Direitos Humanos. A prioridade era a consolidação de cinco objetivos: O direito à vida, proteção do direito à liberdade,tratamento igual perante a lei,educação para a cidadania e ação internacional(ratificação e implementação das Convenções das Nações Unida.

“Para cada um desses objetivos está especificado um conjunto de metas, que variam entre si no que tange à sua especificação e à determinação dos recursos e medidas a serem tomadas para sua efetivação”(OLIVEIRA,2000 p.62). O tema que está explícito ao longo do plano e que adquire centralidade é sem dúvida o referente a violência. Por isso mesmo o objetivo ligado ao direito a vida, busca a reorganização dos mecanismos operacionais de proteção.

⁷ Capítulo III,Art.144, §6º

Assim é que a maioria das metas compreendidas no primeiro objetivo do plano - direito a vida - são metas voltadas para a reorganização do aparato policial. Presume-se, portanto que os formuladores do plano diagnosticaram que a principal fonte de violência na sociedade é a inadequação deste aparato para a proteção dos cidadãos, devido a deficiências materiais e técnicas. Depois de três anos, pode-se afirmar que o objetivo foi perseguido com tenacidade e razoável sucesso(idem,2000,p.63)

O segundo objetivo do PNHD Contempla o direito a liberdade suas metas foram quase todas efetivadas em 1996 e se classifica em três campos: "atenção à população carcerária, abolição do trabalho forçado e reavaliação dos critérios de censura, sobretudo nos meios de comunicação de massa". (idem, 2000p.63) O terceiro objetivo, tratamento igual perante a lei- é o que abarca o maior numero de metas.

Assim, as metas são orientadas para proteger os direitos das crianças e adolescentes, idosos, mulheres, negros, indígenas, estrangeiros homossexual e portadores de deficiência. A violência simbólica comparece aqui como a principal ameaça aos direitos humanos destes grupos, e medidas voltadas para a discriminação positiva foram tomadas, fazendo ainda parte deste objetivo exortações quanto a importância do respeito à diferença e da assistência pública(ibidem,p.63)

O quarto objetivo define sobre a disseminação dos direitos humanos o curioso que nenhuma de suas metas foi executada no primeiro ano de implementação. O ultimo objetivo o que diz respeito à ação internacional "levou à ratificação e implementação de praticamente todas as convenções"(OLIVEIRA,2000)

tulo II - A Infância e a História da Violência contra a Criança e Adolescência

2.1. A Infância

Narodowski tenta neste estudo demonstrar, que a infância não é um produto da “natureza”, mas é uma construção histórica da sociedade moderna. Trabalhos historiográficos o como Adrian Wilson (1980) argumenta que em períodos anteriores aos séculos XIII ao século XVI, os sentimentos que temos sobre infância não existiam na cultura ocidental. Para ele Áries relata que não se tinha uma opinião formada do que era ser criança. Nesse período as crianças não eram amadas e nem odiadas, elas simplesmente participavam junto com os adultos das atividades lúdicas, educacionais e profissionais “E não se diferenciavam dos adultos nem pela roupa que vestiam nem pelo trabalho que executavam,nem pelas coisas que normalmente diziam ou deixavam de dizer.(Wilson,1980, Baqueiro e Narodowski, 1994).

Em outro argumento mostra como se deu a transição da antiga concepção de infância para a concepção ocidental, vemos que se destacam dois sentimentos de infância.

Um é o *mignotage*, através do qual se reconhece a especificidade da criança em algumas novas atitudes femininas como as das mães e as das *nurses*, especialmente a partir do séculoXVIII (Gélis,1986).Este sentimento expressa a dependência pessoal da criança relativamente ao adulto e a necessidade de proteção por parte deste.Isto se completa com uma concepção da criança como um ser moralmente heterônomo e com o surgimento do moderno sentimento do amor maternal. O outro sentimento surge com o interesse pela infância mas como objeto de estudo e normalização,sendo os pedagogos os sujeitos destacados nesse processo e a escola,ou melhor, o processo de escolarização, o cenário observável desse interesse(Baqueiro e Narodowski,1994)

A idéia de infância da forma que concebemos hoje, surge concomitante ao sentimento de família e ao desenvolvimento da educação escolar.Tais transformações aconteceram como resultado da organização das relações sociais de produção que estavam posta na sociedade capitalista industrial vigente. Como dito anteriormente foi na família burguesa que nasceu o sentimento de família como temos hoje.

A família moderna, que se estabeleceu na burguesia a partir do século XVIII, veio instalar a intimidade, a vida privada, o sentimento de união afetiva

entre o casal e entre pais e filhos. Sua consolidação aconteceu graças à destruição das formas comunitárias tradicionais, reorganizando-se em função das necessidades da ordem capitalista. (Gouveia, 2001, p.126)

Ao se remeter a ela diz que a aprendizagem social das crianças vai deixando paulatinamente de se realizar por meio do convívio com os adultos, e vai sendo substituída pela educação escolar. Isso acontece no final do século XVII. Foi através dos reformadores moralistas, que progressivamente foi admitindo que a criança não estava preparada para a vida. (ÀRIES IN: GOUVEIA, 2001)

De acordo com o estatuto da Criança e do adolescente (ECA). "É considerado criança pessoa com até doze anos incompletos". É difícil encontrar nas literaturas existentes algo direcionado apenas a criança. Há uma ampliação que envolve as categorias de criança e infância.

É, pois necessário começar por distinguir entre os conceitos de "criança e infância". O primeiro se refere à dinâmica do desenvolvimento da criança individual, através do qual, eventualmente chegará à condição de adulto. Em oposição, o conceito infância se localiza na dinâmica do desenvolvimento social e corresponde a uma estrutura, embora se caracterize pelo fato que os atores que a integram a fazem transitoriamente num processo de permanente substituição. (Pilotti, 1995, p.25)

A preocupação com a criança e seus desdobramentos (infância e juventude) se deu a partir da sociedade industrial contemporânea que tinha como base a família nuclear (pai, mãe e filho). O conceito mais aceito é o de uma pessoa de pele branca, proveniente de uma família dita estruturada e de classe média: "O estereótipo de infância é constituído no senso comum (criança branca de classe média assistida por uma família nuclear estruturada) está longe de refletir o rosto mestiço e desnutrido da maioria de nossa população de 0 a 17 anos." (PEREIRA, 1992: p.15).

Os indivíduos que não se encaixam nesse perfil são denominados "menores". Pessoas provenientes de famílias desestruturadas e de baixa renda são vistos como pequenos marginais. São inseridas na mesma faixa etária, porém com um agravante, a lei os considera como marginais ou desajustados.

Resultado de um percurso histórico de escravidão surge o menor também conhecido como pivete ou trombadinha. Vilão e vítima de nosso folhetim cotidiano, este controvertido personagem é apresentado como desajustado e marginal (idem p.13).

A infância é produto da história moderna, pois, se dá a partir da sociedade burguesa.

Nascido no contexto burguês este sentimento sustenta-se na mudança de inserção da criança na sociedade burguesa que deixa de assumir um papel produtivo direto, passando a ser merecedora de cuidados e de educação desde o momento em que consegue sobreviver. Mudam significativamente as relações no meio social. (Áries: Internet www.ced.ufse.br).

2.2. A História da Violência contra a Criança e Adolescência

A violência contra criança está presente desde os tempos mais antigos. A trajetória humana é perpassada por acontecimentos que deixa isso bem claro. “a prática do infanticídio era aceita pelas sociedades antigas, sendo facultado aos pais greco-romano aceitar ou renegar o filho recém nascido, condenando a morte”(VEINYS,1992) .Embora se cometa violência contra criança em todas as classes sociais. A que mais aparece em evidencia é a cometida contra a infância pobre.,vitima da violência social no seu sentido mais amplo, embora toda violência seja social. A violência contra a criança pobre atinge preferencialmente os seguimentos mais desprotegidos da população.

A infância vítima da violência ou infância em dificuldade compreende o contingente social de crianças e adolescentes que se encontram em risco pessoal e sócia,daqueles que se encontram em situações especialmente difíceis, ou, ainda,daquelas que por omissão ou transgressão da família, da sociedade e do Estado estejam sendo violados em seus direitos básicos. (Fórum- DCA),1989).

Historicamente no Brasil a categoria infância pobre, compõe também a de “infância em dificuldade”. Ela foi descoberta como problema social desde do período imperial.

A infância pobre como problema social desde os fins do século XIX e início do século XX com a constituição de uma nova ordem social decorrente da Proclamação da República, abolição da escravatura e crescimento acelerado de duas cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. (AZEVEDO,2000.p.234).A Constituição Federal de1988, diz que toda sociedade são responsáveis pela integridade das crianças e dos adolescentes.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Constituição Federal de 1988, no capítulo IV, artigo 227 CF, p 141).

Ou seja, a criança e o adolescente são cidadãos de direitos e cidadania. Porém na pratica esses direitos não são efetivados. Ilustrativo disto é a estória de dois irmãos que saíram de casa pôr não agüentarem mais ser espancado pôr seu padrasto. Levam com sigo o bebe que termina morrendo de fome e frio nas ruas da cidade. Eles estão em busca da casa de chocolate onde serão felizes, só que na verdade, essa casa não existe e a realidade que se apresenta é muito triste, pois, as pessoas as quais elas procuram não as ajudam. O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria, é mais uma das muitas crianças que abandonam seu lar, por ter sido maltratados pelos pais, é também um relato do cotidiano das ruas onde crianças e adolescente, moram ou estão.(MARTINS,1999).

É dever da família, da sociedade e da Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (A Constituição Federal de 1988, no capítulo IV, artigo 227 CF, p 141).

Ou seja, a criança e o adolescente são cidadãos de direitos e cidadania. Porém na pratica esses direitos não são efetivados. Ilustrativo disto é a estória de dois irmãos que saíram de casa pôr não agüentarem mais ser espancado pôr seu padrasto. Levam com sigo o bebe que termina morrendo de fome e frio nas ruas da cidade. Eles estão em busca da casa de chocolate onde serão felizes, só que na verdade, essa casa não existe e a realidade que se apresenta é muito triste, pois, as pessoas as quais elas procuram não as ajuda. O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria, é mais uma das muitas crianças que abandonam seu lar, por ter sido maltratados pelos pais, é também um relato do cotidiano das ruas onde crianças e adolescente, moram ou estão (MARTINS,1999).

Conceito de Violência contra criança e adolescente

Violência contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima. Implica, de um lado, numa transgressão no poder/dever de proteção do adulto e da sociedade em geral; e de outro, numa coisificação da infância. Isto é, numa negação do direito que a criança e o adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de crescimento e desenvolvimento. Guerra (1996), Assis (1994), Deslandes (1994), Minayo (2001)

2.2.1. A Violência Familiar

Os diversos tipos de violência são frutos da sociedade contemporânea, que em detrimento do ser, valoriza o ter. Se têm baixa renda a capacidade de consumir bens e produtos mais caros e suas famílias são consideradas descartáveis para o capitalismo. Para fins de compreensão há uma tipificação, conforme descreveremos a seguir:

Tipos de Violência	Descrição
Física	Toda ação que causa dor física, desde uma tapa, até o espancamento fatal.
Sexual	Todo ato, ou jogo sexual entre um adulto e uma criança (ou adolescente) tendo como finalidade estimulá-la sexualmente, ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa, ou outra pessoa.
Negligência	Representa uma omissão em termos de prover as necessidades físicas e emocionais. Configuram-se quando os pais (ou responsáveis) falham em alimentar, vestir adequadamente seus filhos, etc. e quando tal falha não é resultado de condições de vida além de seu controle. Pode ser moderada ou severa.
Psicológica	Qualquer ato que rebaixe a auto-estima da criança, ou bloqueie suas iniciativas infantis de interação, podendo apresentar manifestações consecutivas das condutas ativas (rejeitar, ignorar, aterrorizar, isolar, criticar, ofender, humilhar, ameaçar abandonar, cobrar exageradamente, acusar sem fundamento) ou bem das condutas derivadas da omissão (a privação de sentimentos, de amor, de afeto, de segurança, indiferença). Geralmente combina-se com os outros tipos de violência.
Fatal	Atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis que, sendo capazes de causar-lhes dano físico, sexual e/ou psicológico, podem ser considerados condicionantes – únicos ou não – de sua morte

Fonte: <http://www.fundabrinq.org.br>. junho/2006.

2.2.2. A Manifestação da Violência na Escola

Os primeiros estudos sobre violência nas escolas foram realizados, na década de 1950 nos Estados Unidos. A temática não se constitui em um fenômeno recente. Segundo Os estudos de Miriam Abramoray e Maria das Graças Rua, pesquisadoras da UNESCO. Mostra-nos um panorama da violência nas escolas com diferentes abordagens na literatura internacional como na nacional.

Para a realização deste estudo adotou-se uma concepção abrangente de violência, que incorpora sevícia, de utilização da força de intimidação, mas também compreende as dimensões socioculturais e simbólicas do fenômeno em tela. Há se enfatizar, no entanto, que a violência na escola não deve ser vista simplesmente como uma outra modalidade de violência infantil, pois sua ocorrência expressa a intersecção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família) , o social (sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais ,status socioeconômico) e o comportamental (informações, sociabilidade, atitudes e opiniões). (ABROMORAY, 2002, p.32).

O debate sobre o fenômeno aborda diferentes posições. Existem importantes autores que chamam atenção para o que é considerado violência, como, também para a visão a partir do qual o tema é abordado. Assim, “uma lição essencial da história poderia ser esta variabilidade de sentidos da violência na educação, correlacionada às representações da infância e da educação”(apud Derbarbiuex, 1996:32). Por outro lado, “sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros privilegiam a análise da violência entre alunos ou desses contra a propriedade (vandalismo, por exemplo), em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos”(ABRAMOVAY, RUAS, 2002, p.67). Ainda existem aqueles estudiosos que procuram dar concepções diferenciadas do que seja violência:

O fato de que existem várias concepções de violência, as quais devem ser hierarquizadas segundo o seu custo social. Para o autor, o referente empírico deste conceito é de violência física – inclusive a violência sexual – que pode resultar em danos irreparável à vida dos indivíduos e, conseqüentemente, exige a reparação da sociedade mediante a intervenção do estado. (ABROMOVAY, RUAS, apud Chesnais, 1981:13)

Há ainda a concepção de violência econômica e a idéia de autoridade, que possui forte conteúdo subjetivo. Porém somente a primeira concepção está etimologicamente correta ‘Assim, a violência física é que significaria efetivamente a agressão contra pessoas, já que ameaça o que elas têm de mais precioso: a vida, a saúde, a liberdade (ABROMOVAY, RUAS, apud, CHESNAIS, 1981:14),

Existem dificuldades em definir o conceito de violência escola, pois, as mesmas não só porque nos remete aos “ fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e ordenar,mas também porque desestrutura as representações sociais que têm valor fundador: aquela da (inocência), a da escola (refúgio de paz) e da própria sociedade(pacificada no regime democrático)”. (ABROVONAY, RUAS apud, CHARLOT,1977:01). A violência escolar é um fenômeno que atinge escolas de diferentes lugares do mundo.Sposito mostra em seu trabalho como o fenômeno esta sendo estudado.

Insuficientemente investigado, o assunto é complexo e deixa de ser fenômeno peculiar à sociedade brasileira.Algumas informações e relatos ,extraídos de jornais ou de estudos realizados em outros países, podem anunciar, sem tons de falsa dramaticidade e sensacionalismo e extensão e a magnitude do problema. (Sposito1998,p58).

Informações colhida pela autora em diferentes jornais da época, a violência escolar assume dimensões grandiosas.

Uma noticia publicada em 1994 pelo jornal Folha de São Paulo informava que, nos Estados Unidos,pelo menos 270 mil estudantes entravam armados em sala de aula.Cerca de 70% dos colégios americanos revistavam seus alunos na entrada e fazem inspeções inesperadas em sala de aula.Nesse mesmo ano foram instalados detectores de metal nos portões de acesso aos prédios escolares e passaram a ser utilizados instrumentos portátil de verificação que acompanham as investigações repentinas de grupos de alunos em sala de aula (Folha de S. Paulo,09/5/1994)” (Sposito1998)

2.3. O que diz a Literatura Nacional sobre a Violência

No Brasil, as investigações sobre violência escolar, na década de 80 até meados da década de 90 ainda era pouco estudados “Em um período de quinze anos (1980-1995) foram defendidos 6095 trabalhos entre teses de doutorado e dissertações de mestrados. Deste expressivo volume, apenas quatro estudos (duas teses de doutorado e duas dissertações de mestrado examinaram a violência que acontece na unidade escolar (Sposito:1998)

Falar de violência e falar como ela é, e como se manifesta e suas diferentes dimensões. A violência nas escolas está associada a três dimensões a degradação no ambiente escolar entende-se a dificuldade de gestão das escola, em segundo lugar a violência oriunda de fora para dentro,que se manifesta por meio da penetração do tráfico de drogas, da gangues e da crescente exclusão social na

comunidade escolar, por último está a relação a componentes interno das escolas, o que geralmente é específico de cada escola. A manifestação de violência mais presente no cotidiano escolar é vivencia da por diferentes atores como: alunos, e membros do corpo técnico- pedagógico - em especial os professores-inspetores, etc. Dentre as dimensões da violência, tanto a institucional, tanto a simbólica iremos contemplar aqui a violência física, pois :

Não é possível analisar a violência nas escolas sem refletir sobre a agressão física, os pequenos roubos, o vandalismo e o que os pesquisadores franceses consideram como 'incivilidades', isto é, ofensas verbais, grosserias diversas, empurrões, interpelações e humilhações. Debarbieux e Blay (2001), Bonafé-Schmitt (1997)

A escola vem enfrentando no seu cotidiano dificuldades relacionadas a sua gestão, além das dificuldades relacionadas a fatores externos, como as relacionadas com a pobreza ao tráfico de drogas, a exclusão social e o desemprego.

Segundo elas esses obstáculos têm demonstrado a necessidade de realizar diagnósticos e pesquisas sobre o que se caracteriza de violência escolar o que certamente deve-se ao caráter inovador da problemática, e de um lado à dificuldade de enfrentar as diversas modalidades que violência assume no ambiente escolar, variando de intensidade, magnitude, duração e gravidade”
Miriam Abramovay e Marta Avancini,
<http://www.ucb.br/observatorio/pdf/Artigo%20Educacao%20e%20Incivilidade.pdf>. acesso dia 05/06/2007)

As violências escolares em suas dimensões são:

Violência física:	é aquela que pode matar consiste em ferimentos, golpes, roubos, vandalismo, droga, tráfico e violência sexual.
A violência simbólica ou institucional	que se mostra nas relações de poder, na violência verbal entre professores e alunos por exemplo. A violência simbólica, se tece através de um poder que não se nomeia, que dissimula as relações de força e se assume como conveniente autoritário.
As incivilidades	caracterizam-se pelas micro violências, humilhações, falta de respeito.

Fonte: (<http://www.ucb.br/observatorio/pdf/Artigo%20Educacao%20e%20Incivilidade.pdf>. acesso dia 05/06/2007)

Assim, se fala da violência nas escolas deve-se levar em conta não somente os delitos passíveis de enquadramento no Código Penal, mas também as incivilidades, muitas vezes invisíveis aos olhos dos atores que convivem na escola e o clima escolar.

Introduzir o debate sobre violência e repensar o que historicamente perpassa a sociedade brasileira. Dados mostram que a violência é o 2º principal problema da população brasileira perdendo apenas para o desemprego.

Principal problema	Brasil	Sudeste	Sul	Nordeste	Norte/Centro- Oeste
Desemprego	32	32	27	33	34
Violência/segurança	21	23	21	19	20
Saúde	10	12	12	8	9
Fome/miséria	9	9	5	11	8
Educação	5	5	8	4	6
Corrupção	3	2	4	3	5
Salário	3	2	5	3	2
Economia	2	1	2	2	3
Desigualdade social	1	1	2	1	1
Inflação	1	1	0	0	1
Habitação	1	1	0	0	1

Fonte: tabela da folha de São Paulo,10/03/02,c-4

Fica evidente que existe uma relação entre desemprego, saúde, fome e miséria falta de educação, corrupção o que culmina num quadro de desigualdade social, que pode gerar um quadro de violência estrutural. Observamos, portanto, que as causas da falta de segurança e da violência são múltiplas. (Pode ser diferente).

A violência urbana tem crescido muito ultimamente, em todo tecido urbano, embora apareça com mais frequência nas áreas consideradas mais empobrecidas, ou seja, morros e favelas. Onde as ações governamentais são quase inexistentes. Nesses espaços o direito a cidadania social é muito focalizada, aos habitantes é negado quase tudo. Se convive cotidianamente em condições muito precária não há investimento em saneamento básico, o que contribui de certa forma com o aumento de problemas de saúde.

A segurança por parte do poder público está ausente na favela, que é hoje um dos maiores reduto do tráfico de drogas, a população é subordinada as ações dos bandidos que portam armas usadas em guerras, se utilizam de meios de comunicação de ultima geração, submetem a população as suas leis, alicia crianças e jovens para fazerem parte dos seus grupos. Quase tudo dentro dessas comunidades é determinada pelo tráfico de drogas, apesar da ser considerada

legalmente da alçadas das polícias: federal, rodoviária federal, ferroviária federal; polícias militares e ainda do corpos de bombeiros militares.

A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos (Constituição Federal da República Federativa do Brasil Art. 144. Cap. III)

As crianças e jovens devido a um contexto de miserabilidade tanto de ordem econômica, social e humana, na falta de perspectiva, abandonam muito cedo a escola e passam a ser presas fáceis para o mundo do crime. As relações familiares muito fragilizadas também ajudam, o desemprego dos pais, além dos que em sua maioria vivem na informalidade, juntamente com a falta de investimento nessas comunidades aliada a uma aparente inércia diante de tudo que esta posto na sociedade contribuem para que a violência seja naturalizada pela maioria de seus moradores. Em especial pelas crianças e jovens que buscam na rua formas de contribuir para o orçamento familiar. Historicamente crianças e adolescentes pobres, sempre foram vistos como um perigo a ser contido, aqueles que contribuem para o aumento da violência urbana. A sociedade não para, para perguntar o que levou essas crianças à rua.

Em verdade, incomodam pôr trazer à tona nossa miséria cotidiana. Exemplificam o rosto de um país que não soube construir uma história ética pautada no respeito humano. Imersos em uma voraz lógica de mercado, os respeitáveis “cidadãos brasileiros” não param para pensar sobre o porquê daquelas crianças estarem perambulando pelas ruas, e quais são as consequências perversas do olhar negativo e raivoso que lançam sobre elas. (Júnior, Almeida.p,14).

A dinâmica cotidiana das favelas favorece a banalização da violência, de um momento para o outro tudo se transforma da calma a selvageria. Todos os moradores já aprenderam a conviver com o inesperado, pois, não sabem em que momento algo vai acontecer. É comum ter as lojas invadidas pelo tráfico nos momentos em que são perseguidos pela polícia ou para combater os alemães⁸. O lazer na maioria das vezes é patrocinado pelo tráfico que utiliza desses artifícios para aumentar as vendas de drogas, além de fazer apologia de suas facções, através dos bailes funk que atraem centenas de pessoas, entre adultos, jovens e

⁸Facção rival, inimigos.

crianças pequenas. Além dessa rotina semanal, há outras atividades durante a semana. Essas crianças costumam dormir tarde, são espectadoras dessa trágica rotina, são eles mesmo que estarão no dia seguinte dentro das salas de aula. Em sua maioria alunos que freqüentam as escolas públicas da Maré, em especial as do CIEP Samora Marchel objeto da pesquisa.

O contexto de violência vivido por essas crianças é, transportado para dentro dos muros do CIEP, o que se vê são crianças pequenas repetindo gestos e palavras proveniente de uma situação de violência ocorrido no dia anterior.

2.4. A Violência da Indiferença Governamental com a Educação das Famílias trabalhadoras

A educação escolar no Brasil passou por três fases distintas, foram elas:

1. A Escola República no período que vai de 1889 a 1930.
2. A Escola Populista e Corporativa, entre 1930 a 1990.
3. A Escola Brasileira no final do século XX.

Essas divisões põem em relevo as principais políticas educacionais do século, a universalização do ensino era uma das principais políticas educacionais da primeira república. Observa-se que na Primeira República a escola tinha como intenção democratizar o ensino primário para que todos tivessem acesso a ele. Tal fato se deu parcialmente .

A política educacional da Primeira República, de um lado, foi vitoriosa porque universalizou no Brasil a idéia de uma rede de ensino primário, público, gratuito e laico, criando um sistema escolar apropriado (Escolas Normais e Grupos Escolares); de outro lado, porém, o sistema criado foi insuficiente e insensível ao mundo do trabalho [...] deixava bem claro a intenção de se continuar uma política totalmente extrativista que não necessitava de boas escolas, pois existia uma imensa riqueza natural a ser explorada [...] A política educacional brasileira acaba por admitir que afinal o Brasil é ainda um imenso território a ser explorado, que muitas mercadorias estão lá praticamente prontas, dadas, nos pastos, nas florestas, precisam apenas de braços fortes e musculosos (NOSELLA, 2001:167).

O padrão educativo brasileiro que norteava a organização do ensino primário na metade do século XX visava, pois, há necessidade de investir numa escola que prepare o trabalhador a construir industriais e serviços públicos. “A forma como se construiu os princípios pedagógicos, na primeira metade do século foi dual, pois

ênfatizou, de, um lado, uma educação (não escolar) para muitos trabalhadores que ainda deviam “extrair” as riquezas nacionais, e, para os outros (minorias) chamados a construir industriais e serviços públicos”(idem)

A escola Normal fez parte de uma das mais importantes políticas educacionais da primeira república

A antiga escola normal representou a típica forma didática da política educacional da República velha, para preparar os profissionais da educação elementar, obrigatória, gratuita e universal. Seus métodos pedagógicos, seus planos de ensino, seus prédios, os ricos conteúdos escolares, a severa avaliação, tudo isto nos diz que a intenção do Estado não era populista. Acabou, porém, esse sistema por excluir da escola amplas camadas populares. O elitismo das antigas Escolas Normais era evidente. A clientela era representada majoritariamente pelas filhas dos fazendeiros, dos grandes negociantes, dos altos funcionários públicos e dos profissionais bem sucedidos.(NOSELLA,2001,p.171-172).

Na 2ª fase: A Escola Brasileira e Populista E Corporativa

Na década de 30 o Brasil e o mundo passam por profundas modificações decorrentes da grande depressão de 1929.

A crise norte-americana arrastou consigo os países ligados à economia dos estados Unidos: uma das características da crise de 1929 foi a ampliação e a universalização, pois a economia capitalista estava em alto grau de interdependência. Outra característica é que foi produto de uma crise agrária, financeira e industrial ao mesmo tempo. E sua duração foi anormal, pois, se o ‘ciclo infernal’ durou até 1933, seus efeitos se fizeram sentir até as vésperas da segunda guerra mundial.(AQUINO,Rubim p,273)

E nesse cenário que se insere a educação da nova República. A expressão populista, designou o ideário que animou a política varguista até praticamente os dias de hoje. O populismo foi a principal política do Brasil no século XX. Ele o modelo conservador de administrar as crises sociais pela conscientização nacional que percebeu a tensão existente entre o setor primário extrativista e o setor terciário que começava a despontar.

Consonante essas concepções, a partir de 30, o Brasil fez uma política populista de conciliação conservadora como se disse: o país é grande, nele podem conviver os antigos coronéis e os modernos empresários, os escravos e os operários. Paralelamente, no âmbito educacional, o populismo fez uma conciliação conservadora entre as pobres escolas do faz - de - conta e as que adotam modelos pedagógicos arrojados, entre instituições universitárias de beira de estrada e universidades de excelência.(ibidem, 2001,p.173)

O populismo educacional foi atribuído à política educacional da primeira república e ao elitismo do ensino o fracasso da democratização da escola pública. No

entanto temos que reconhecer que a crítica que se faz ao elitismo educacional contra a pedagogia utilizada, e de ordem social e positiva. Com essa crítica abriu-se as portas da escola para o mundo do trabalho. Foi com a emergência do populismo que as massas trabalhadoras começaram a ter acesso aos espaços público, assim começaram a ser organizadas politicamente, através de diferentes manifestações, de eleições, etc. Foi o populismo que ensinou o povo o caminho da escola, porém isso não significa necessariamente oferecer ainda uma boa escola.

O populismo no seu processo contém profundas cicatrizes como a que obscurece o conceito e a prática do trabalho intelectual. “O estudo perde o sentido de trabalho e a disciplina externa é considerada negativa. Aula e estudo não são propriamente trabalhos; estudar não é jornada de trabalho, é antes de tudo um não trabalho” (NOSELLA, 2001, p. 174) uma das marcas que mais se destacou foi o fato de como a cultura popular foi escolarizada pelo populismo e ao mesmo tempo pelo corporativismo, onde os anseios populares por uma melhor formação profissional e humana, foram atendidas através de pacotes escolares noturnos, caros e recheados de metodologias que não contemplavam de forma nenhuma o alunado. A adaptação tanto do ensino supletivo quanto dos de exames, para facilitar a formação do alunado das classes populares foi de certa forma estratégico. Esses tipos de pacotes noturnos bateram recorde na época. Com a pressa de escolarizar população deixou-se de perceber a importância que o primeiro grau tem para a formação do indivíduo. Assim o autor nos comunica que. O 1º grau, mais que um direito, é uma obrigação, por ser uma iniciação à cidadania que, obviamente, não é uma profissão e sim uma condição necessária da vida social. “Dentro desta lógica, o 1º grau se reveste de uma metodologia própria; necessita de profissionais absolutamente ‘próprios’ exige portanto uma política educacional específica.” (NOSELLA, 2001, p. 176)

Na última fase, a escola brasileira no final de século e a dificuldade de recuperação da qualidade, procura mostrar como as práticas do populismo começa a ser questionado de uma forma profunda, seguimentos do governo e da sociedade civil, com uma ampla debate sobre os prejuízos causados por tão longo processo.

o desmonte dos prejuízos populistas não será fácil, nem rápido. O preço da virada será alto, não inferior ao da estabilização financeira. Custará, sobretudo, a renúncia a certas ilusões idealistas, pois é duro confessar que a educação escolar, séria e de qualidade, entre nós, é de fato superconcentrada (ibidem, 2001, p. 180).

Este período de transição deixa bem claro o caráter de exclusão legado a maioria da população brasileira. A escola parece, porém, não é neutra politicamente e nem foi feita para desenvolver as habilidades humanas ao contrario ela é um instrumento, um braço da burguesia numa sociedade de classes, ela existe, embora -não apenas- para atender os interesses econômicos políticos e ideológicos das classes dominantes. (NICHOLAS, sem data).

A escola pública é hoje uma realidade. Há a necessidade de reconhecer sua limitações e suas possibilidades para isso tem que ter pessoas compromissadas com uma pratica educativa voltada para a construção do sujeito.

A superação da compreensão mecanicista da história, por outra que, percebendo de forma dialética as relações entre consciência e mundo, implica necessariamente uma nova maneira de entender, a história. A história como possibilidade. Esta inteligência da história, que descarta um futuro predeterminado, não nega, porém, o papel dos fatores condicionantes a que estamos mulheres e homens submetidos. Ao recusar a História com jogo de destinos certos, como dado, ao opor-se ao futuro como algo inexorável. A História como possibilidade reconhece a importância da decisão como ato que implica na ruptura, a importância da consciência e da subjetividade, da intervenção critica dos seres humanos na construção do mundo (FREIRE, 1992)

Nesse sentido o trabalho realizado nas escolas pública devem contar com profissionais que apesar de saberem que vivem numa sociedade que privilegia o ter em detrimento do ser. Uma sociedade que exerce um papel subordinado diante da grande burguesia internacional, e que, no entanto não precisa promover reformas educacionais que venha contribuir para uma transformação social. “Outra lógica que rege o papel da escola é “interna” a ela própria. Intensas podem estar às lutas e contradições “fora da escola”, porém a escola e os profissionais que nela atuam podem, conscientemente ou não, querer barrar tais contradições no portão, em vez de trabalha-las com vista a sua superação (NICHOLAS, sem data).

Pode acontecer também o contrário, embora os profissionais da educação mesmo sabendo da relativa paralisia dos movimentos populares, procuram trabalhar

não só as contradições “externa” à escola, mais também as contradições inerentes as questões específicas da escola, em busca de uma escola que visa uma nova sociedade. Porém, o que vem acontecendo com nossas escolas é o contrario o que esta posto é uma escola que não ensina o aluno a ler, o que leva muitos a desistir depois de repetir a mesma série diversas vezes. ”O aprofundamento da discussão sobre o fracasso da escola pública de 1º grau, é notório a incapacidade de ensinar a ler e escrever e contar dos alunos. – Isso mostra que não estão preparados para sobreviver futuramente em sociedade, diante de tudo isso muitos abandonam a escola, engrossando a estatística dos que estão fora da escola segundo o senso Maré/ CEASM 2000. Mostra o perfil das crianças que estão fora da escola.

Tabela X - Crianças de 7 a 14 anos Fora da Escola nas Comunidades /2000

Ranking	Comunidade	% na Comunidade
01	Nova Maré	16,5
02	Salsa e Merengue	11,4
03	Vila do João	9,2
04	Mandacaru	8,8
05	Vila Pinheiro	7,2
06	Parque Maré	7,1
07	Nova Holanda	6,4
08	Morro do Timbau	5,7
09	Bento Ribeiro Dantas	5,5
10	Conjunto Esperança	5,0
11	Baixa do Sapateiro	4,5
12	Parque União	4,5
13	Marcilio Dias	4,2
14	Rubens Vaz	3,7
15	Conjunto Pinheiros	3,6
16	Praia de Ramos	2,5
17	Roquete Pinto	1,7
Média	Bairro da Maré	6,4

Fonte: senso Maré/ CEASM 2000

A investigação do perfil dessas crianças foi feita de maneira muito profunda, através de pesquisa ficou constatado, que existem fatores sociais que contribuíram para a condição de vulnerabilidade social das famílias em questão –desemprego dos pais ingresso precoce de crianças no trabalho além de conflitos familiares. As variáveis explicam que o fator predominante não necessariamente esta apenas na falta de vaga. Além disso, algo que contribui para a evasão é a proximidade das escolas que ficam em área de conflito armado, que acabam não sendo procurada. (Senso Maré /CEASM).

Capítulo III – A Pesquisa no CIEP Samora Machel

3.1. Conhecendo o Bairro Maré

Situada entre a Avenida Brasil e a linha vermelha, à margem da Baía de Guanabara, a Maré é um dos principais espaços constituinte da Zona da Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro. A visibilidade decorrente da localização geográfica, o fato de sua paisagem, durante anos, ter sido dominada por palafitas⁹, e a contratante proximidade com o Aeroporto Internacional Tom Jobim e a Universidade Federal do Rio de Janeiro contribuíram para a percepção da maré, em geral, como um espaço globalmente miserável, violento e destituído de condições dignas de vida. Independente dos exageros dessa representação, é inegável o reconhecimento dessa localidade como espaço proletarizado, com o predomínio de populações nordestina e negra em condições sócio-profissionais subordinadas e com baixa escolaridade.

Constituinte da XXX^a Região Administrativa, a Maré reúne como dito anteriormente 132 mil habitantes, com média de 3.4 habitantes por domicílio¹⁰. Média que se aproxima bastante daquela obtida para o espaço nacional, regional e municipal. Mas, na comparação da taxa de densidade demográfica verifica-se que o complexo possui cerca de 21.400hab/Km, enquanto o município do Rio de Janeiro apresenta uma média de 328hab/Km. O processo intenso de ocupação do terreno local é um fator básico na definição de alguns aspectos da paisagem da Maré. Destacam-se, em particular, a ausência de árvores, a falta de espaços vazios, a verticalização das residências e a intensa circulação de pedestres e de diversos meios de transportes.

1. A população distribui-se por cerca de 38.000 (trinta e oito mil) domicílios e 16 comunidades Marcílio Dias, Praia de Ramos, Roquete Pinto, Parque União, Rubens Vaz, Nova Holanda, Parque Maré, Baixa

⁹ Habitações precárias suspensas sobre a lama e a água

¹⁰ Todos os dados utilizados sobre a Maré foram elaborados a partir do Censo Maré 2000. realizado pelo CEASM e financiado pelo BNDS

do Sapateiro, Morro do Timbau, Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros, Vila do João e Conjunto Esperança. A concentração de vias rodoviárias, prédios públicos e industriais/comerciais faz com que a fronteira entre elas seja heterogênea, com níveis diferenciado de vizinhança. A Avenida Brasil é, assim, o principal espaço de circulação entre as diferentes comunidades locais.

No Plano da infra-estrutura educacional, na maré estão instaladas 15(quinze) escolas públicas, sendo 07(sete) CIEPs e 07(sete) creches comunitárias, além de várias escolas privadas de pequeno porte, voltadas para a educação infantil e para o ensino elementar. O ensino médio, cuja demanda cresce de forma explosiva, é contemplado com a oferta de dois colégios para toda região - incluindo os bairros próximos à Maré.

Segundo o senso Maré, o percentual de moradores locais analfabetos maiores de 14 anos chega a quase 10%.O percentual um pouco está abaixo da média brasileira(13,3%), mas muito superior ao percentual do município do Rio de Janeiro para o ano de 1999(3,4%). Quanto aos rendimentos,menos de de1/3 dos seus trabalhadores afirmam receber mais de 2 salários mínimos por mês e, no que concerne ao trabalho infantil, 2% das crianças de10 a 14 anos residentes na Maré exercem alguma atividade de trabalho- para o índice de0,6% para o município do Rio de Janeiro.

No que concerne às características ecológicas e de paisagem, o sítio original da área hoje ocupada pela Maré era em grande parte composto por terrenos alagadiços e de mangue, além de pequenas ilhas. Com o passar do tempo, a região foi aterrada ou dominada por palafitas. A ocupação efetiva da parte central da Maré data de 1946, ano da inauguração da AV. Brasil e da im plementação do novo eixo industrial Zona Norte. A avenida materializava, então, a política de desconcentração produtiva e populacional da cidade do Rio de Janeiro.

O núcleo original da maré era formado por seis comunidades, fronteiriças, mas também com características sociais, econômicas, geográficas heterogêneas são elas: Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Parque União, Parque

Rubens Vaz e Nova Holanda. As comunidades de Vila Pinheiros, Vila do João, Conjunto Pinheiros e Conjunto Esperança foram criadas no início da década de 80, sendo ocupadas por antigos moradores das comunidades originais, principalmente as residentes nas palafitas. Os conjuntos Bento Ribeiro Dantas, Novo Pinheiros e nova Maré foram criadas via intervenção do poder público municipal, na década de 90. Eles reúnem moradores proveniente de habitações localizadas em áreas de risco. Já as comunidades de Marcílio Dias, Praia de Ramos e Roquete Pinto. Apesar de antigas, são um pouco mais distantes, no plano geográfico, das outras. Com isso, elas não tiveram o mesmo acesso às intervenções urbanísticas realizadas na década de 80. Elas passaram a ser consideradas integrantes da Maré a partir da transformação dessa área em bairro e da criação da XXX Região Administrativa.

3.2. O Centro de Estudo e Ações Solidária da Maré

Como relatado na introdução, foi a partir da iniciativa de alguns moradores que nasceram e cresceram ou ainda moram em alguma comunidade da Maré, que surgiu o Centro de Estudo e Ações solidárias da Maré – CEASM. A grande novidade da entidade é o fato dela aliar a inserção comunitária à condição de instituição de pesquisa e gestora de projetos de grande porte, elementos raros de serem encontrados nas organizações sociais oriundas da periferia. O principal efeito da organização institucional CEASM é que nela, ao moradores – em particular os adolescentes e jovens – encontram exemplos locais positivos na construção de suas trajetórias sociais e escolares. O fato possibilita uma maior ampliação de seus tempos e espaços existenciais.

O Centro tem como pressuposto que o exercício da cidadania no Bairro Maré deve sustentar-se em um projeto abrangente e processual. Sua finalidade maior é a constituição, fortalecimento, ou articulação de redes sociais nas quais se valorize o papel social do morador, as ações solidárias, e respeito às diferenças e a crítica às desigualdades sociais existentes na realidade carioca e brasileira. Sua primeira iniciativa, em 1998 foi a criação do Pré-Vestibular Comunitário, que teve como peculiaridade o fato de todos os professores serem moradores da Maré.

O conceito de Rede é a noção estruturante da dinâmica do CEASM. A preocupação permanente é de que as atividades sejam desenvolvidas de forma articulada, com as diferentes equipes de trabalho estabelecendo níveis variados de relações. O eixo central de todas, cabe ressaltar, é a oferta de novos produtos culturais e educacionais aos moradores locais, em particular às crianças, aos adolescentes e aos jovens.

Desde sua criação, o CEASM estabeleceu como público-alvo as crianças, adolescentes e jovens residentes da Maré. Objetivando uma ação ampla e integradora, vem desenvolvendo um conjunto de projetos que visam contribuir para o acesso à novas linguagens, à formação e inserção qualificada no mercado de trabalho e a ampliação do capital educacional, cultural, social e simbólico desse público. Dentre as muitas atividades desenvolvidas daremos ênfase ao Programa de Criança Petrobras na Maré.

No Bairro Maré existe uma rede de CIEPs que conta com sete unidades, entre eles está Samora Machel. O CIEP – Centro Integrado de Educação Pública que objetivava representar a generalização de um padrão de escola pública, capaz de oferecer um ensino de melhor qualidade às crianças, principalmente à maioria proveniente das camadas populares. Surge em 1986, como alternativa ao modelo convencional de escola. Seus idealizadores foram o então governador do Estado do Rio de Janeiro Leonel de Moura Brizola e o antropólogo, professor Darcy Ribeiro a época vice-governador do Estado do Rio de Janeiro.

Segundo o livro do CIEP O governo Brizola elegeu com meta prioritária a educação a escolha da educação responde a ideologia socialista-democrática do Partido Democrata Brasileiro (PDT). Que tinha como fundador o ex governador Leonel Brizola. Assim que assumiu o cargo o então governador tomou várias medidas de emergência na área da educação.

Tinha como objetivo revolucionar o ensino educacional no Brasil, a começar pelo Rio de Janeiro. Assim foi lançada a campanha mãos à Obra nas Escolas que visava reformar vários estabelecimentos de ensino que funcionavam em péssimas condições, nunca tantas escolas foram restauradas, jamais a rede de ensino foi tão ampliada – e nunca foi tão intenso o esforço de participação e aperfeiçoamento do

magistério. Coroando todo esse processo estava a implantação progressiva de 500 CIEPs. Além de criar a Comissão Coordenadora de Educação e Cultura, integradas pelas Secretarias de educação do Estado do Rio de Janeiro e do município, pelo Reitor e pelo vice-governador Darcy Ribeiro, sob a presidência deste ultimo.

O CIEP tem como característica ser uma escola que funcione em tempo integral, no horário entre oito da manhã às cinco horas da tarde, com capacidade para atender até mil alunos. Foi projetado por Oscar Niemeyer, cada CIEP possui três blocos. No principal, com três andares estão as salas de aulas, centro medico, a cozinha e o refeitório, além das áreas de apoio e recreação. No segundo bloco, fica o ginásio coberto, com quadra de vôlei, basquete, futebol de salão, arquibancadas e vestiários. Esse ginásio e também chamado de salão polivalente, por também ser utilizado para apresentações teatrais, show de musicas etc. No terceiro bloco, de forma octogonal, fica a biblioteca e sobre elas, as moradias para alunos-residentes. (livro do CIEP). De acordo com o Jornal Estado de São Paulo, ver todas as crianças numa escola de qualidade foi o sonho do ex-governador que não chegou a se concretizar a nota diz que em quase vinte anos depois de iniciado o ambicioso programa que ergueu 500 CIEPs o mesmo foi praticamente abandonado. Pelo menos 80% deles, criados para funcionar em horário integral, operam em turnos. Os governos que o sucederam não deram continuidade ao programa. Segundo relato da pedagoga Maria Ângela de Souza Neto que a época coordenava o programa o ritmo lento. Ela conta que em 1999, muitos CIEPs estavam depredados e alguns até foram invadidos por sem-teto, porém segundo a mesma o maior obstáculo são os professores que preferem se dedicar a várias escolas e ganhar mais. A pesquisadora Marly da Fundação Getulio Vargas, diz na mesma matéria que o Rio paga caro pela falência do projeto “certamente teríamos outros índices de violência e desemprego” opina. Para ela, a morte de Brizola pode “inocentar” os CIEPs da figura partidária e se tornar inspiração para novos governantes. “Isso vai depender de quem se apropriará da memória de Brizola e se esse projeto será utilizado politicamente ou não (O Estado de São Paulo 27/04/04 p.A16).

O CIEP Presidente Samora Machel, inaugurado em 1989, fica numa área fronteira geograficamente e ideologicamente. O lugar onde foi construído o CIEP Samora Machel, anteriormente era um lugar alagado. Ali, existia as últimas habitações de madeiras denominadas de palafitas.

A coleta de dados qualitativos será realizada por meio da observação participante. Que buscará colher informações sobre como se desenvolve o processo de banalização da violência entre crianças de seis (6) a dez (10) anos do CIEP Samora Machel na Maré onde será realizada a pesquisa.

Para fins de nossa pesquisa definimos observação como um processo pelo qual se mantém a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e ao participar da vida deles no seu cenário natural, colher dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto.

Como moradora da comunidade e muito próxima do contexto a ser pesquisado, terei como desafio fazer um trabalho que seja crítico e que procure mostrar como as situações de violência que perpassa o cotidiano dos moradores e dos alunos do CIEP. Os fatos sociais que permeiam o cotidiano das comunidades não cooperam para que eu como moradora da comunidade tenha um relativo distanciamento da realidade vivida. Para Carlos Brandão o pesquisador social como sujeito social não consegui se distanciar plenamente do objeto a ser pesquisado.

De fato, os fatos sociais não são coisas mas sim o produto de ações humanas. Os homens e as mulheres fazem a sociedade da mesma maneira que somos feitos por ela. Somos atores e protagonistas de nossa história da mesma maneira que somos definidos e condicionados por ela. Dentro desta relação de interação, não há mais lugar para um pesquisador separado de seu objeto de pesquisa. O pesquisador é um homem ou uma mulher com uma inserção social determinada e com uma experiência de vida e de trabalho que condicionam sua visão do mundo, modelam o ponto de vista a partir do qual ele ou ela interagem com a realidade. (1990:24)

A metodologia da pesquisa participante se deu durante meu estágio de Serviço Social, no CIEP Samora Machel. Além de trabalhar como bolsista¹¹ do Programa de Criança na Maré. Esta parte da pesquisa foi realizada, observando os

¹¹ Uma pessoa de referência dentro do CIEP, faz articulação da ONG –PCPM – e o CIEP.

alunos das turmas da Educação infantil (EI) primeira, segunda e terceira séries. Foram escolhidas duas turmas de cada série para as observações realizadas nos corredores da instituição e durante o horário do recreio, além das salas de aula, pois havia livre acesso porque também era o local de trabalho. Os pontos observados serão: as várias formas de como os alunos utilizam objetos se os transforma em armas, a agressividade com os colegas, funcionários e professores. O desafio de realizar a pesquisa, sem dúvida nenhuma era manter o necessário distanciamento desta realidade que também era e é a da autora do presente estudo.

3.3. Análises dos Depoimentos dos responsáveis.

Os depoimentos sobre a banalização da violência perpetrada pelos alunos do CIEP Somara Machel nos permite observar, como o fenômeno é visto pelos pais dos alunos e concomitantemente moradores das comunidades do bairro Maré. A pergunta que orientou nosso questionamento foi o que levaria a banalização da violência por parte dos alunos, na faixa etária proposta - de 06 a 10 anos - do CIEP em questão?

O fenômeno levou-nos a buscar respostas que pudessem justificar a causa dessa banalização. Assim procuramos direcionar esta pesquisa através da ótica dos pais/responsáveis pelos alunos em questão. Para resguardar a integridade física e emocional de cada entrevistado não haverá referência a nenhum nome, pois, usaremos apenas letras do alfabeto para designá-los. As entrevistas foram feitas no interior da unidade escolar, na sala do Programa de Criança na Maré. Devido à dinâmica da escola e do pouco tempo disponível dos pais houve um número reduzido de entrevistas, o que não comprometerá a eficácia do resultado, uma vez que trata-se de análise qualitativa.

O bairro da Maré, é alvo constante de manchetes na mídia, seja escrita televisada ou radiofônica, como foi o caso nas últimas eleições ¹² no bairro Maré, em

¹² Eleições representativas para os cargos eletivos: Executivo Federal; presidente e vice presidente. Senado e Câmara Federal; deputado federal e senador. Executivo Estadual e Assembléia legislativa, governador e deputado estadual. Não tivemos eleições para Câmara municipal: vereador, nem para a Câmara municipal: prefeito

especial na comunidade de Nova Holanda, cujo conflito entre policiais e moradores terminou com a morte de uma criança de três anos, vítima de uma bala perdida.

agora, no dia primeiro de outubro, Renam da Costa Ribeiro, uma criança de três anos foi morto, provavelmente por policiais militares, na comunidade de Nova Holanda, na Maré. Primeiro banalizam a morte e dizem que bandido bom é bandido morto. Depois matam em quantidade, genocídio, coletivos ou individuais, que também são banalizados. Agora o assassinato de inocentes também está se banalizando. Inclusive a que atinge as crianças (www.observatoriodefavela.org.br/observatorio/noticias/noticias.acesso_dia10/06/07)

Neste site há um protesto pela morte de uma criança de 3 anos, analisado com o fruto de uma indiferença com as mortes nas favelas, o que se explica pelo fato de ali residirem famílias trabalhadoras pauperizadas, que, diante da falta de alternativa para ali recorrem. Os habitantes de comunidades faveladas são hoje protagonistas de eventos de violência física e psicológica. Além da violência maior que é a omissão do Estado em serviços essenciais para estas áreas da cidade. “o processo de injustiça social é contemporâneo a gênese da sociedade moderna” (Nascimento, 1994). A exclusão das massas trabalhadoras do processo de trabalho aumenta significativamente o número de pessoas subempregadas, desempregadas sem perspectiva de se inserir novamente no mercado de trabalho. Sem a proteção da lei e sob o arbítrio.

O conceito de desigualdade social refere-se, como é conhecida, à distribuição diferenciada, numa escala de mais a menos, das riquezas produzidas ou apropriadas por uma determinada sociedade, entre os seus participantes. Pobreza por sua vez, significa situação em que se encontram membros de uma determinada sociedade despossuídos de recursos suficientes para viver dignamente, ou que não tem as condições mínimas para suprir as suas necessidades básicas” (Nascimento.1994,p.30)

A exclusão social é um dos pressupostos que têm contribuído para se explicar o aumento da violência, em especial as cometidas por crianças e adolescente

Se o termo exclusão social diz respeito ao ato de excluir, de colocar à margem um determinado grupo social, o conceito sociológico-que é múltiplo como se vê em seguida- refere-se sempre a um processo social de não-reconhecimento do outro, ou de rejeição, ou ainda, intolerância. Dito de outra forma trata-se de reconhecer no outro direitos que lhes são próprios. Compreendendo, ademais, a auto-representação do excluído que, desta forma, rompe o vínculo societário, desenvolve vínculos particulares, como forma de sobrevivência social. Sinais de uma coesa o social fragmentada ou da multiplicidade de princípios de solidariedade em um mesmo espaço social.(Nascimento,1994.p.31)

Colher informações nos depoimentos dos responsáveis e procurar entender como se dá o processo de banalização da violência e suas implicações no cotidiano escolar e da comunidade é nosso objetivo. Então, procuramos nos deter na forma como os pais/responsáveis descrevem a situação, se por um lado o aparente conformismo com a situação condicionou a vida deles, por outro lado podemos buscar novas formas de pensar o fenômeno por dentro, a partir do cotidiano da Maré, de dentro de um CIEP. Na análise das entrevistas o grande acúmulo para o serviço social foi perceber como a desigualdade social, aliada a uma “cultura de exclusão”. A tendência é não se referir às causas que determinam esse fenômeno e a lógica que une os extremos. Ora, se há a exclusão é porque existem os incluídos, que são parâmetro para atendimento e serviços por parte do governo.

Numa conjuntura caracterizada pela competitividade, numa sociedade de controle social mundial ou globalizada sociedade de controle, a qual mostra que se vive sob a égide de um novo tipo de poder: o poder imperial do controle. Tal poder é exercido em rede através do modo de subjetividade homogenética preponderantemente falando; ele se faz presente, ainda, de forma explícita e implícita, em todos os lugares da perspectiva de que não há um fora. (Lustosa. p 93).

A existência do fenômeno, somente é explicável no rompimento da lógica dualista, uma vez que o capitalismo se metamorfoseia e usa também a alienação de grupos considerados descartáveis, transformando-os em potenciais perigos contra a sociedade (classes perigosas).

Levando-se em consideração que:
é na primeira infância que se desenvolve o senso moral das crianças que se traduz pelo início da compreensão do que há coisas que fazem (hábito, rotina) e coisas que devem ser feitas (os deveres morais) (La Taille, 2006, p.10). O que ele diz sobre a violência.

Cabe então, analisar se um clima de violência pode ter efeitos sobre o despertar do senso moral e o desenvolvimento subsequente” (La Taille, 2006, p.10). A hipótese que nos orientou é que sim, por uma razão bem simples:

Uma vez que a moral tem como objetivo harmonizar as relações sociais, balizando-as por intermédio de virtudes como a justiça e a generosidade, a observação constante da ausência de tal harmonia entre os seres humanos pode encobrir totalmente a própria existência de virtudes ou, pelo menos, enfraquecê-las consideravelmente que real valor teriam virtudes que os próprios adultos não desprezam(idem p10)

Não existe apenas uma moral, ela adquire diferentes definições no decorrer da história.

Partindo do fato da moral, isto é, da existência de uma série de morais concretas, que se sucederam historicamente, podemos tentar dar uma definição da moral válida para todas. Esta definição não pode abranger absolutamente todos os elementos específicos de cada uma dessas morais históricas, nem refletir toda riqueza da vida moral,mas deve procurar expressar os elementos essenciais que permitam distingui-la de outras formas de comportamento humano.A definição que permite antecipar de forma resumida,a exposição da própria natureza da moral e a seguinte: A moral é um conjunto de normas,aceitas livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens.(Vazquez, 1990.p.49).

Assim sendo, observa-se que esta definição estabelece claramente dois planos para a moral que é o do plano normativo que se constituem pelas normas, regras de ação pela ordenança do como deve ser algo. O plano fático se constitui pelos atos humanos que se realizam independentemente de como pensamos que deveriam ser.

O normativo está, por sua vez, numa especial relação com o fático, pois toda norma, postulando algo que deve ser, um tipo de comportamento que se considera devido, aponta para a esfera dos fatos, por que inclui uma exigência de realização(VAZQUEZ, p.50).

3.4. Depoimentos dos Responsáveis

3.4.1. A Banalização da Violência

As mães ao se referirem a banalização da violência entre os alunos do CIEP de maneiras diferenciadas: Para a Mãe “A”. Isso acontece em razão da “falta de valorização do ser humano, porque na favela o ser humano não é valorizado”.

Nesta fala a mãe “A” fala do compromisso de solidariedade que no passado permeava as relações de sociabilidade dentro da Maré. Segundo ela, a crescente violência fez com que as pessoas deixassem de confiar no outro hoje, não mais se

importando com o outro, hoje quando morre uma pessoa não se abalam mais individualismo

Outro discurso para a possível banalização da violência seria “a falta de educação, pois a escola está aí pra dar instrução, a educação tem que vir de casa” (Mãe “B”).

Observa-se que a mãe exclui a culpa do Estado pela banalização da violência e a transfere unicamente para a família, Para ela o Estado tem que ensinar uma profissão, e que o resto deve ficar por conta da família.

Outra fala é “O que leva a banalização da violência é o desgaste do governo, quando muda o governo o que assume não cumpre o que prometeu, isso faz com que as pessoas deixem de acreditar, aí não estão nem aí”. (Mãe “C”).

Fica claro no depoimento da mãe, que a falta de compromisso do governo leva ao descrédito. Muitos deixam de acreditar nas instituições e passam a fazer o que quer, prejudicando os outros.

3.4.2. As Marcas da Depredação no CIEP Samora Machel

No que se refere às pichações, a explicação é a seguinte : “acontecem por que na favela não tem área de lazer e a escola vem perdendo a importância”. (Mãe “A”). Então, para ela a falta de lazer faz com que as crianças e adolescentes criem novas formas de lazer, a mais visível: as pichações. Além é claro de ser feitas pelo pessoal do tráfico que circula pelo pátio da escola.

Uma mãe atribui às depredações na escola de uma maneira bem peculiar: “hoje as crianças não tem mais amor pela comunidade é comum vê as crianças quebrando os vidros ou, o que sobrou do samorinha com pedras ou pedaços de pau.” (Mãe “A”). Sabemos que, na realidade, os tiros disparados pelos traficantes quebraram quase todos os vidros do anexo e se as balas disparadas pelos traficantes cruzam o pátio de um lado para o outro fica claro que suas marcas ficam por toda a parte.

“Muitos moradores não dão valor o que é novo dentro da comunidade, destrói tudo acabam com tudo” (Mãe “A”). Nesta fala a responsável procura de certa forma deixar claro que a falta de investimento no “ser humano” contribui para que o indivíduo deixe de valorizar não somente a própria vida, a dos outros e também o

bem comum. Ao descrever como os alunos do CIEP e aqueles que já foram alunos depedram o patrimônio publico. (Mãe "A")

3.4.3. A Naturalização da Miséria, da Morte e a Negação da Cidadania

A falta de humanização dentro da favela contribui (favorece) para que haja essa banalização, tudo e tão natural. O amor, próprio não existe, acabou. "vê que até na bíblia, uns matam e nada acontece". Por achar que não vão ser punidos, matam, batem, a falta de cumprimento das leis e a falta de respeito leva as naturalizar a violência. (Mãe "B")

Aqui é comum se vê pessoas mortas sendo levadas dentro de carrinho de mão, despejados em lixeiras, cortados, queimados etc. As,crianças, as mães, os velhos, vêem isso acontecer sempre.Já não abala mais, acham que isso é normal e comum "pois, se aconteceu com eles foi porque deviam algo e tem que pagar é a lei da favela." (Mãe"C")

O que contribui para essa *naturalização é a falta de conversa (diálogo)*, entre pais e filhos. Muitos pais nem sabem que o CIEP. É um bem público, pago com nosso dinheiro. (Mãe "D")

Os depoimentos mostram quanto à favela, está distante do que na realidade é considerando bairro, pois, de acordo com os depoimentos acima, tudo é negado ao morador. Na favela não existe direitos ele fica condicionado ao árbitro da polícia e dos traficantes querem. As pessoas não têm a quem recorrer. As coisas acontecem e ninguém faz nada, isso é claro contribui para que tudo passe a ser visto como normal.

Hoje dentro da favela não existe mais solidariedade, não há mais respeito entre as pessoas. Os corpos espalhados foram virando rotina ninguém se scandaliza mais com essas coisas, o que mais banalizou foi vê pais catando os corpos dos filhos. (Mãe "E")

O poder dentro da favela é feito pelo trafico, eles são *a própria justiça(lei) dentro da favela*. Está sendo criado um novo modelo de seres humanos, sem perspectiva, que não valoriza o próximo e a violência doméstica também contribui para que a violência fique banalizada. (Mãe "F")

As facções dificultam (a dinâmica) o dia-a-dia da escola acredito que a violência virou uma coisa crônica dentro da favela, virou um tumor, é como a AIDS, a violência que se vê no asfalto ela é mascarada aqui na favela não ela se mostra de forma concreta. (Mãe "F")

As crianças mora no meio da violência estão sempre vendo o lado mal,violento e não o lado bom. (Mãe "G")

A forma como as crianças são educadas contribuem para o aumento da violência. (Mãe "G")

A falta de emprego dos pais, a falta de lazer, não tem pra onde as crianças irem.A violência que vem de fora também,ajuda isso contribui para que muitos passem a ser violentos também. (Mãe "H")

É reflexo do que acontece no nosso cotidiano, o que mais agente vê é isso, as crianças acham que a violência é algo normal,por que o que a gente vê no nosso dia-a-dia são brigas de marido com mulheres, de vizinhos, portanto, para eles isso é algo normal. (Mãe "E")

A mãe acha que "a situação do país não tem nada a vê com isso [...]. A comunidade é quem constrói a violência, busca desculpa na situação do país. O governo não tem nada a vê com isso, uma minoria de mães preferem vê os seus filhos no tráfico, pois, acham que isso é normal, dá status saberem que seus filhos estão no meio. Muitas crianças da escola, batem nos mais fracos por terem irmãos,ou pais no tráfico, e quando os mais fracos se defendem acham que é uma petulância enfrentar um filho de bandido por isso muitas mães são obrigadas a transferência seus filhos para outras escolas para fugirem da violência que se amplia para outras estância como por exemplo (desenrolar na boca de fumo. (Mãe "E")

"Acho que a gente tem que cair na real não pode colocar a culpa somente no governo se olharmos pra traz vamos sentir a diferença, não existia nada aqui hoje tem projetos do governo e de ONGs, muitos fazem isso por que quer". (Mãe "E")

Eles vivem no meio disso (violência), todos os dia. Tem que aprender isso mesmo. (Pai "I"). A banalização acontece por que as crianças vêem corpos de pessoas sendo levados dentro de carrinho, e não se abalam mais virou algo quase

normal. Se ele está nessa situação foi porque deve por isso tem que pagar. Existem muitas crianças que foram da escola e hoje estão dentro do tráfico, isso incentiva os outros servem como exemplo. (Mãe “G”).

Os depoimentos foram feitos quase exclusivamente por mulheres, conseguiu-se apenas que um homem falasse fato que chamou atenção. A questão de gênero ainda é muito preponderante nas comunidades populares. A socialização do menino se dá na esfera do público, fica direcionada para as meninas a esfera do privado, ou seja, atribuições ligadas ao mundo doméstico, como por exemplo, levar os filhos na escola. Nas camadas populares fica bem clara a assimetria de gênero.

Na lógica de atribuição de papéis na família, à mãe corresponde uma presença mais efetiva na vida das crianças e adolescentes. Quando perguntados pela educação dos seus filhos e filhas, os pais, em geral, demonstram ser essa uma atribuição feminina, adotando uma posição distanciada. Assim, a figura do pai oscila entre aquele que, quando intervém, é violento, ou a personagem ausente. (HEIBOM, 1997.p.321)

3.4.4-Observando o cotidiano dos alunos:

Na fila para o almoço, observamos que uma criança brinca com muita tranquilidade com uma garrafa peti, e, repentinamente utiliza o objeto como se fosse uma arma, aponta e começa a simular atirar nos colegas da fila

Outro garoto na mesma fila leva a mão no nariz e o aperta e diz, maconha, cocaína e da pura, dez reais. Na comunidade é comum os marginais venderem drogas em voz alta como se estivesse vendendo frutas na feira.”Isso é feito por homens ou adolescentes que recebem o nome de vapor.

Em outro momento criança em sua maioria do sexo masculino, sem motivo aparente dá uma rasteira no colega e o joga no chão.

Outro dia, passando por uma sala de aula, observamos que uma turma de alunos da primeira série – que estava sozinha, pois o professor havia saído por uns momentos, iniciou-se uma gritaria. Perguntamos o que estava acontecendo alguns alunos disseram que uma aluna estava com uma faca. Pedi a aluna a faca ela prontamente me entregou perguntada por que trouxe a faca respondeu que era para fazer a ponta do lápis e que estava acostumada a fazer isso. Percebemos que o objeto tinha o corte afiado e que a mesma não tinha dimensão do perigo que estava exposta e do perigo que os colegas também estavam expostos.

Aluno com aproximadamente sete anos bateu na professora por não querer entrar na sala de aula (o aluno segundo relatos é espancado constantemente pela mãe).

Em outra observação, ouvimos de uma criança da educação infantil, falar com a maior simplicidade que o pai tinha matado a mãe e que depois fugiu, deixando ele e os irmãos sozinhos.

Professora muito preocupada com três irmãos que não conseguem estudar por conta da agressividade. O pai matou a mãe a pauladas, e fugiu da comunidade. O fato tem contribuído para o aumento da agressividade deles que é transportada para o âmbito escola.

Aluno apanha do colega de turma e não pode revidar por que o outro o ameaça de falar para o pai que pertence ao tráfico de drogas.

Observamos que é comum os alunos cantarem por todos os espaços da escola músicas de apologia ao crime. Muitos alunos fazem tatuagens de caneta que reproduz nome de bandidos mortos, que passaram a figurar como heróis.

Destacaremos em meios a varias observações o da figura do herói. A Figura do bandido como herói na favela é bem comum. Uma referência aos heróis do passado. Fazendo uma releitura vemos como figuras de bandidos transfigurado de heróis é comum na história, a literatura nacional e mundial nos da exemplos desses

heróis bandidos, entre eles vemos a figura de Robin Hood e Lampião. O legendário herói bandido do século XI/XII foi um dos percussores da prática de roubar dos ricos para ajudar os pobres.

Partindo do princípio de que Robin Hood é uma figura histórica e que sua atividade mais relevante consistia em tirar dinheiro de quem tinha para dar a quem, supostamente, não tinha, ainda assim de alguma forma pode-se dizer que se trata de um herói. Esta possível generosidade tão propalada por todos os cantos, por certo não seria motivada por sua enorme bondade de coração. Tratava-se de puro interesse, já que a melhor forma de garantir que os moradores de um local não denunciem um bandido é este procurar ganhar a simpatia dos nativos. Pois o silêncio obtido pela política do medo pode ser violado pelo anonimato. (<http://formador.deopiniao.blogspot.com/2007/06robin-hood-heri-ou-bandido>. acesso dia 20/07/07)

Houve uma mudança na forma de se construir a nova figura do herói bandido. Hoje está construída esta baseada numa política de desregulamentação dos direitos dos trabalhadores que possibilita o surgimento de heróis bandidos que de certa forma se propõem a substituir o Estado.

Criados no imaginário coletivo, os heróis tornam-se álibi frente às angústias da alienação que os sujeitos sofrem mas que sequer sabem nominá-la. Os moradores do bairro, pelas condições materiais de existência que lhes são postas, têm dificuldades de experienciarem-se enquanto sujeitos; abre-se via à sublimação na figura do herói. No caso, como o herói, o que se evidencia por suas façanhas imbuídas de bondade, parece situar-se numa tênue longínqua, os moradores voltam-se, paradoxalmente, para o que parece próximo: o anti-herói, é este que aparece como o que pode realizar atos incomuns, inéditos. (http://www.ssrevista.uel.br/c_v3n2_bandido.htm acesso dia 28/07/07)

Nas paredes externas do CIEP há pichações que retrata o nome da facção e de seus líderes

Na quadra durante a educação física observamos que um aluno joga uma bola propositadamente em uma colega de turma que estava sentada na arquibancada. A bola atingiu a aluna que começou a passar mal. Ele normalmente disse que tinha jogado a bola sem querer, voltando-se pôs a sorrir. Outro aluno brincando arrastava um colega por uma corda. O aluno gritava para parar por que estava machucado, o outro só parou quando o professor interviu. Na quadra que não tem muro, olheiros do tráfico, vigiam os passos de todos que estão na quadra e nos espaços do CIEP.

A contribuição do narcotráfico para a depredação do prédio escolar é visível, pois, como a unidade se localiza num espaço geograficamente e ideologicamente dividido pelo tráfico, cada facção procura impor seu poder através de suas marcas, delimitando ou aumentando seus territórios. Assim sendo é comum ver sinais de pichações com o logotipo da facção ou o nome de alguns dos seus soldados mortos em serviços que passam a ser heróis dentro da favela esses atos de vandalismos são feitos por alunos ou por pessoas simpatizantes, ligadas ao movimento¹³.Guimarães,ao abordar em sua pesquisa escola,galeras e narcotráfico, analisa as relações do narcotráfico e de algumas formas de aglutinação dos alunos com a escola.”No que diz respeito à escola, o narcotráfico aparece, na figura dos donos dos morros, ora como protetor, ora como mediador de grupos em conflito e a escola,ou sintetizando as duas funções”(GUIMARÃES,apud CANDAU,p.144).

O narcotráfico impõe suas leis condicionando tanto professores, como funcionários administrativos. Além de pais e responsáveis como nos relata Candau.

Um fenômeno novo e de especial dramaticidade é o assédio das escolas pelo narcotráfico. Trata-se de uma realidade cada vez mais presente, particularmente nas escolas públicas situadas em zonas periféricas das grandes cidades, consideradas de risco do ponto de vista social.Trata-se de um tema extremamente difícil que coloca, muitas vezes a direção das escolas, e o corpo docente em situações limites, em que o medo, o sentido de impotência e o desânimo imperam.(veracandau_dhviolenciahtmlacesso dia 29/05/07).

Os alunos do CIEP, vivem constantemente cercados ligados ao tráfico de drogas, muitos os tem por vizinhos .Isso justifica a comoção que se tem quando alguém do movimento morre ou é preso. Há uma relativa solidariedade entre o morador e o bandido, isso porém não significa convivência.

¹³ A estrutura do tráfico em determinado local/comunidade.ex:”Movimento e tráfico é a mesma coisa”.

Considerações Finais

No decorrer da monografia, buscamos elencar dados que nos levassem a traçar a origem de uma possível banalização da violência perpetrada pelos alunos do CIEP Presidente Samora Machel. Através de uma trajetória histórica, podemos perceber como foi atribuído ao povo brasileiro a índole de um povo pacífico, que aceita tudo que lhe é imposto pela classe dominante, concomitantemente podemos verificar as repressões usadas para condicionar o povo a ideologia de um povo pacífico, o estudo mostra também exemplos de resistência. Observamos também, que o modo de produção capitalista foi fator preponderante na geração da desigualdade social e gerador de violência.

E como os diferentes modelos de famílias, em especial a família burguesa contribuiu para manutenção da sociedade conservadora. Vários teórico reafirma o valor da família e mostra como ela vem se modificando ao longo de séculos. O estudo também, tenta fazer uma leitura de como foi criado o conceito de infância e como a violência contra criança está presente desde os tempos mais antigos, Os tipos mais comuns de violências sofridos pelas crianças. A importância do Estatuto da Criança e do Adolescente para as crianças e adolescentes brasileiras.

Foi feita uma discussão sobre o aumento da violência escolar no mundo e no Brasil a partir dos anos oitenta. Como o contexto de violência e miserabilidade de ordem social e econômica contribui para que muitas crianças e adolescentes em idade escolar abandonem os estudos e sejam alvo fácil para ingressarem na criminalidade.

A indiferença governamental com a educação das famílias trabalhadoras, também foi objeto do nosso estudo. Fizemos um relato sobre as três fases que contemplaram a educação no Brasil: A escola Republicana, a populista corporativa e a escola brasileira no final do século vinte e suas implicações. No universo da pesquisa, procuramos abordar a origem do CIEP, como ele foi pensado e elaborado pelo governo Brizola. Abordamos todo o cenário do bairro Maré, sua localização e como a região foi se constituindo em bairro. Damos destaque para o Centro de

Ações Solidaria da Maré. ONG criada por moradores e ex moradores da Maré. Além de abordar especificamente um de seus projetos e sua atuação dentro das escolas da Maré, na qual estou inserida como colaboradora e estagiária. O núcleo da pesquisa é tentar identificar os fatores que contribuem para o processo da banalização da violência urbana perpetrada e vivenciada pelos alunos do CIEP Presidente Samora Machel.

Para isso foi colhido depoimentos dos responsáveis pelos alunos, além de ter sido feita uma observação participante para colher elementos que justificassem a banalização da violência cometida pelos alunos da faixa etária proposta.

Pretendeu-se de certa forma, discutir os rumos que levará os alunos das escolas pública do bairro Maré . Como está sendo vitima de um sistema que vem cada dia mais excluindo parcelas da população do direito de ter condições mínima de estudar e como a violência cometida pela sociedade invade os muros das escolas.Fazendo desses meninos e meninas réus e vitimas ao mesmo tempo.

BIBLIOGRAFIA

Livros

ABRAMOVAY, Miriam, **RUA**, Maria das Graças. Violências nas escolas /Miriam Abromovay et alii-Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002

AQUINO, Rubim, História das Sociedades: Das sociedades modernas às Sociedades Atuais

BASTOS, Rogério Lustosa, Psicologia, Microrrupturas e Subjetividades, E-Papes Serviços Editoriais Ltda., 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (ORG). Pesquisa Participante, Ed. Brasiliense 8ª edição, 1990

BÍBLIA, de Jerusalém, Tradução do texto em português diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de La Bibl de Jerusalém, Ed de 1988, publicada sob a direção da "École biblique de Jerusalém". ed em língua francesa.

CHAUI, Marilena, O que é Ideologia, Ed. Brasiliense,

CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil: Um longo Caminho, Ed Civilização Brasileira, 7ª edição, Rio de Janeiro, 2005

DRAVIES, Nicholas. Escola: Revolução Ou Reforma? Elementos para um projeto educacional a serviço da classe trabalhadora. Revista. Desafio na Educação

FREIRE, Paulo. Política e Educação, Ed. Cortez, São Paulo, 1992

GUEIROS. A Dalva. Família e Proteção social: Questões Atuais e Limites Da Solidariedade Familiar.

HEILBORN, Maria Luiza. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: Madeira, F.R. (org) Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997

HERONDA, Luiz A. Escola Cidadã no Contexto da Globalização, Ed. Vozes Petrópolis, 1999

IAMAMOTO, Marilda. O Serviço Social Na Contemporaneidade: Trabalho e Formação Profissional. Ed.Cortez 9ª edição, 2005

LANE, M.T.Silva. **CODO**, Wanderley (ORGs) Psicologia Social O homem em movimento, Ed Brasiliense , 3ª reimpressão da 13ª edição, São Paulo,2001

JÚNIOR, Pereira Almir. Os Impasses da Cidadania. Infância Adolescência No Brasil, Ed.Ibase, Rio deJaneiro1992

NASCIMENTO,E .P.Hipóteses sobre a nova exclusão social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários.Caderno CRH,SALVADOR,1994.

NETO.Octávio Cruz.Nem saldados, Nem Inocentes:juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro/Octávio Cruz Neto,Marcelo Rasga Moreira e Luiz mazzei Sucena.Rio de Janeiro: Ed.FIOCRUZ, 2000

NOSELLA, Paolo. A Escola Municipal no Final Do Século: Um balanço IN: Frigoto, Gaudêncio (ORG) Educação E Crise Do Trabalho: Perspectivas De Final De Século, Ed.Vozes, 5ª ed., Petrópolis,2001

OLIVER, Ruben George. Violência e Cultura no Brasil
Ed. Vozes, 2ºed, Petropolis,1983

PINHEIRO,Paulo Sérgio.Violência do Estado e classes populares Dados(22),1979

RIBEIRO, Darcy.O livro dos CIEPs , ed Bloch,Rio de janeiro,1986

SCOTT, Parry. Novas Legalidades e Democratização da Vida Social: Família, Sexualidade e Aborto. Ed.Garamond Universitária

SILVA da,Célia Regina .Violência e Sociedade.Ed Letras e Letras Ltda.1ª Ed 2003

SPOSITO, Marília Pontes,. A Instituição Escolar e a violência. Caderno de Pesquisa nº 104- 1998

PILOTTI, Francisco e **RIZZINI**, Irene (org.). A Arte de Governar Crianças: A História das Políticas Sociais, da legislação e da Assistência A Infância No Brasil, Rio de Janeiro: Instituto Del Niño, Editora universitária Santa Ursula, Anais Livraria e Editora **VAZQUEZ**, Adolpho Sanches, Ética,Ed. Ática1990.

VEYNE, P,1992.O Império romano.In:História da Vida Privada (P.Arias & G Duby,org),vol 1 p19,São Paulo:Companhia das Letras

Hemerografia

[www..dhnet.org.br/direitosmilitantes/veracandau_dhviolencia.html](http://www.dhnet.org.br/direitosmilitantes/veracandau_dhviolencia.html)

www.camara.rj.gov.br

[HTTP://www.ucb.br/observatório/pdf/Artigo%20educacao%20acesso](http://www.ucb.br/observatorio/pdf/Artigo%20educacao%20acesso) dia05/06/07

http://www.pdt.org.br/diversos/cie_pestado.asp/acesso dia30/04/07

<http://www.fundabring.org.br/> acesso junho 2006

(http://www.ssrevista.uel.br/c_v3n2_bandido.htm acesso dia 28/07/07

[veracandau_dhviolenciahtml](#) acesso dia 29/05/07).

(<http://formadordeopinioa.blogspot.com/2007/06/robin-hood-heri-ou-bandido>.(acessodia 20/07/07)

http://www.apropucsp.org.br/revista/r08_r03.htm acesso dia05/08/07

CARVALHO, de M, C Inaia. Família e proteção social, Revista: São Paulo em Perspectiva, ano 2003 versão on line <http://www.seade.gov.br>

Leis, Regulamentos, etc...

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Ed Saraiva 31ª edição, 2003.

BRASIL, 1990. Lei 8069. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília. DF: Senado Federal.

Cadernos, Cartilhas, Artigos de Jornais

Senso Maré. Quem Somos ? Quantos Somos ? O Que Fazemos ?

A Maré Em Dados :Censo Maré. Ed.TTL Maré Das Letras.

CHAUÍ, Marilena (1999) Folha de São Paulo, DATA?, 1999. Pode Ser Diferente:
Caderno sobre violência e discriminação.

O Estado de São Paulo,27/04/04 p. A16

OLIVEIRA, Isabel Ribeiro,Cidadania e Direitos Humanos

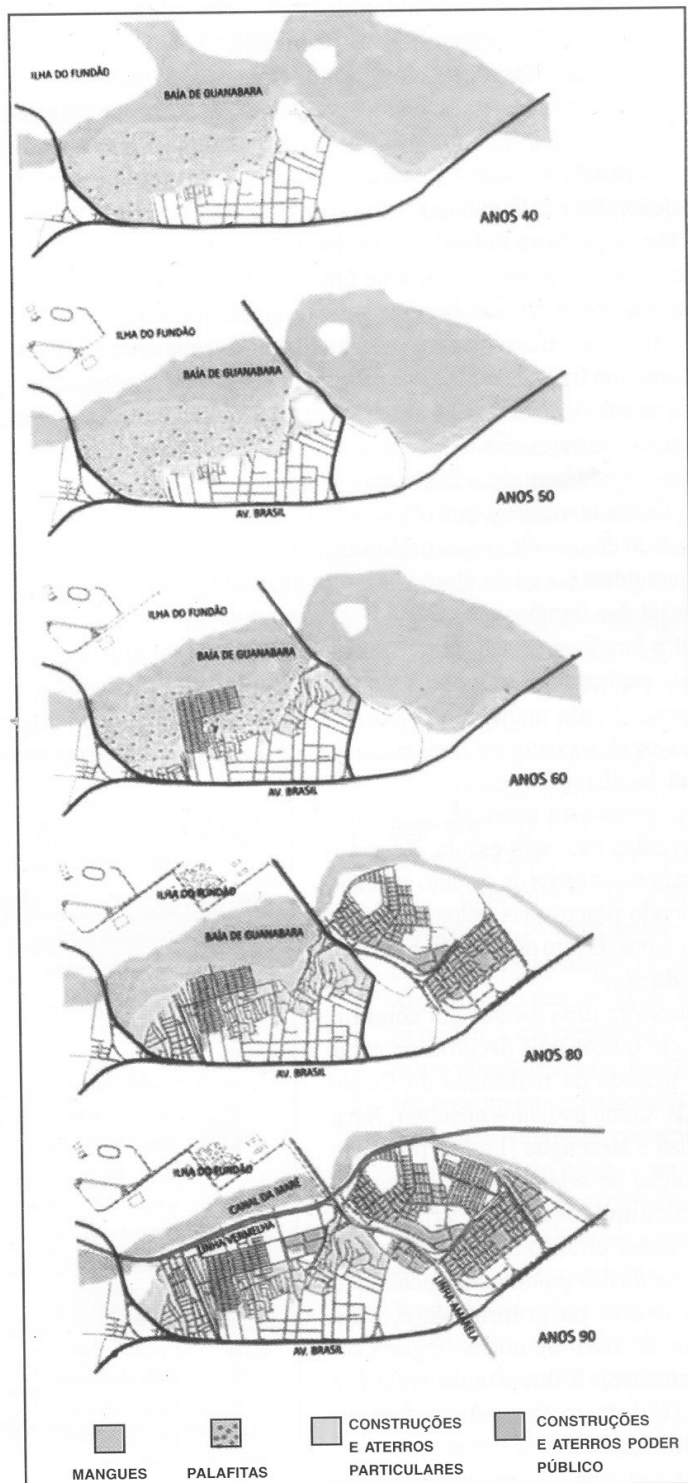
Contemporaneidade e Educação, revista semestral temática de ciências sociais e
educação.Ano V, nº8, 2º semestre/2000

Anexos

Vista aérea da maré



MAPA 4 - Evolução Urbana da Maré



Quem somos, quantos somos, o que fazemos?

MAPA 3- Uso do Espaço

